



# Ética Profissional

*Antônio Roberto Oliveira*



**Belém - PA  
2012**

Presidência da República Federativa do Brasil  
Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

© Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Belém do Pará  
Este caderno foi elaborado em parceria entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Belém do Pará e a Universidade Federal de Santa Maria para o Sistema Escola Técnica Aberta do Brasil – Rede e-Tec Brasil.

**Equipe de Elaboração – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Belém do Pará/IFPA-Belém**

**Reitor**

Edson Ary de O. Fontes/IFPA-Belém

**Coordenação Institucional**

Erick Alexandre de Oliveira Fontes/IFPA-Belém

**Coordenação de Curso**

Oscar Jesus Choque Fernandez/IFPA-Belém

**Professor-autor**

Antônio Roberto Oliveira/IFPA-Belém

**Equipe Técnica**

Carlos Lemos Barboza/IFPA-Belém

Fabiano Darlindo Veloso/IFPA-Belém

Gisely Regina Lima Rebelo/IFPA-Belém

Wuyllen Soares Pinheiro/IFPA-Belém

**Comissão de Acompanhamento e Validação  
Colégio Técnico Industrial de Santa Maria/CTISM**

**Coordenação Institucional**

Paulo Roberto Colusso/CTISM

**Coordenação Técnica**

Iza Neuza Teixeira Bohrer/CTISM

**Coordenação de Design**

Erika Goellner/CTISM

**Revisão Pedagógica**

Andressa Rosemárie de Menezes Costa/CTISM

Francine Netto Martins Tadielo/CTISM

Marcia Migliore Freo/CTISM

**Revisão Textual**

Lourdes Maria Grotto de Moura/CTISM

Vera da Silva Oliveira/CTISM

**Revisão Técnica**

Suzete Nechi Benites/CTISM

**Diagramação**

Leandro Felipe Aguiar Freitas/CTISM

**Ilustração**

Marcel Santos Jacques/CTISM

Rafael Cavalli Viapiana/CTISM

Ricardo Antunes Machado/CTISM

Setor de Processamento Técnico – Biblioteca IFPA – Campus Belém

**O48e Oliveira, Antônio Roberto. Ética profissional / Antônio Roberto Oliveira. — Belém: IFPA; Santa Maria: UFSM, 2012. 80p.**

**1. Ética profissional. I. Escola Técnica Aberta do Brasil.  
II. Título.**

**CDD: 174**

# Apresentação e-Tec Brasil

Prezado estudante,

Bem-vindo ao e-Tec Brasil!

Você faz parte de uma rede nacional pública de ensino, a Escola Técnica Aberta do Brasil, instituída pelo Decreto nº 6.301, de 12 de dezembro de 2007, com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino técnico público, na modalidade a distância. O programa é resultado de uma parceria do Ministério da Educação, por meio das Secretarias de Educação a Distância (SEED) e de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), as universidades e escolas técnicas estaduais e federais.

A educação a distância no nosso país, de dimensões continentais e grande diversidade regional e cultural, longe de distanciar, aproxima as pessoas ao garantir acesso à educação de qualidade e ao promover o fortalecimento da formação de jovens moradores de regiões distantes dos grandes centros geográfica e ou economicamente.

O e-Tec Brasil leva os cursos técnicos a locais distantes das instituições de ensino e para a periferia das grandes cidades, incentivando os jovens a concluir o ensino médio. Os cursos são ofertados pelas instituições públicas de ensino, e o atendimento ao estudante é realizado em escolas-polo integrantes das redes públicas municipais e estaduais.

O Ministério da Educação, as instituições públicas de ensino técnico, seus servidores técnicos e professores acreditam que uma educação profissional qualificada – integradora do ensino médio e da educação técnica, – é capaz de promover o cidadão com capacidades para produzir, mas também com autonomia diante das diferentes dimensões da realidade: cultural, social, familiar, esportiva, política e ética.

Nós acreditamos em você!

Desejamos sucesso na sua formação profissional!

Ministério da Educação  
Janeiro de 2010

Nosso contato  
[etecbrasil@mec.gov.br](mailto:etecbrasil@mec.gov.br)



# Indicação de ícones

Os ícones são elementos gráficos utilizados para ampliar as formas de linguagem e facilitar a organização e a leitura hipertextual.



**Atenção:** indica pontos de maior relevância no texto.



**Saiba mais:** oferece novas informações que enriquecem o assunto ou “curiosidades” e notícias recentes relacionadas ao tema estudado.



**Glossário:** indica a definição de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.



**Mídias integradas:** sempre que se desejar que os estudantes desenvolvam atividades empregando diferentes mídias: vídeos, filmes, jornais, ambiente AVEA e outras.



**Atividades de aprendizagem:** apresenta atividades em diferentes níveis de aprendizagem para que o estudante possa realizá-las e conferir o seu domínio do tema estudado.



# Sumário

<b>Palavra do professor-autor</b> .....	<b>9</b>
<b>Apresentação da disciplina</b> .....	<b>11</b>
<b>Projeto instrucional</b> .....	<b>13</b>
<b>Aula 1 – Fundamentos ontológicos – sociais da ética</b> .....	<b>15</b>
1.1 Gênese, formação e evolução da ética.....	15
1.2 Sistemas conceituais fundamentais da ética.....	17
1.3 Sistemas racionais da ética.....	19
<b>Aula 2 – Debate teórico-filosófico sobre questões éticas da atualidade</b> .....	<b>25</b>
2.1 A filosofia dos gregos e suas relações com o mundo.....	25
2.2 Fundamentos éticos: perspectiva clássica – da razão à responsabilidade da decisão.....	33
2.3 A ética contemporânea.....	38
2.4 A ética que analisa, investiga e explica a moral.....	41
<b>Aula 3 – O processo de construção de um <i>ethos</i> profissional, o significado de seus valores e as implicações éticas – políticas do trabalho</b> .....	<b>49</b>
3.1 Conceitos da ética profissional.....	49
3.2 Ética profissional e relações sociais.....	52
3.3 Ética profissional e atividade voluntária.....	53
3.4 Ética profissional: pontos para sua reflexão.....	53
3.5 Os códigos de ética profissional e suas regras deontológicas.....	58
3.6 A ética e suas relações universais com o mundo do trabalho.....	62
<b>Referências</b> .....	<b>78</b>
<b>Currículo do professor-autor</b> .....	<b>80</b>





## Palavra do professor-autor

Este é um momento muito significativo para uma relação que aposta no seu sucesso. Sejam todos bem-vindos.

O século XXI exige do profissional permanentes reflexões sobre responsabilidade social, responsabilidades técnicas seguidas de avaliação sobre as consequências causadas pelos atos ilícitos e irresponsabilidades no âmbito administrativo e técnico dos profissionais na área metalúrgica.

Vamos tentar mudanças em nossa forma de olhar a disciplina de Ética Profissional para romper a cultura linear dos direitos em mãos únicas estigmatizados pelas inverdades da ética da convicção ou da ética da responsabilidade.

Finalmente, no século XXI, quando todos os olhares da humanidade estão voltados para os níveis de competência e, dentre eles, o mais importante é a que nos remete às responsabilidades sociais, a disciplina Ética Profissional nos proporciona a oportunidade de reflexões profundas sobre as relações com o universo da obediência à lei, da qualidade profissional, do respeito humano, da eficiência e da eficácia de nossas atribuições profissionais no mundo do trabalho.

Essa disciplina permitirá entre aprendizagens, uma que marcará profundamente sua maneira de olhar sua formação técnica não apenas como uma maneira de ganhar dinheiro e ter sucesso no emprego.

Boa sorte para todos.



# Apresentação da disciplina

Essa disciplina foi preparada para ser ministrada em três aulas. Nelas vocês estudarão os fundamentos ontológicos sociais da dimensão ético – moral da vida social e seu reatamento na ética profissional e nas formas dialogadas do debate filosófico sobre questões da ética contemporânea. Será finalmente construída a matriz do ethos profissional, seus significados e valores, seguidos das implicações ético-políticas no mundo do trabalho.

Na primeira aula o aluno produzirá, à luz dos conceitos e fundamentos éticos, uma caminhada na reflexão de sua humanidade na realidade quando contextualizada com a construção da ética nas dimensões filosóficas pelos mais renomados filósofos da humanidade.

Na segunda aula exploraremos os fundamentos teóricos clássicos e modernos, desde os primórdios da razão e responsabilidade da decisão, onde a ética racional faz análises, investigações explicando a moral e suas diferenças com a moralidade das ações humanas.

Na terceira aula o aluno terá o espaço da construção de um ethos profissional confrontado com os significados, valores e implicações ético – políticas do mundo do trabalho, de maneira a se permitir refletir sobre a realidade fragmentada dos conceitos sobre o cotidiano do profissional da metalurgia e o seu encontro dialogal com o mundo do trabalho.

A ideia da disciplina visa estabelecer a necessidade de interfaciar de forma permanente as informações que aprofundam o conhecimento filosófico frente às estruturas mentais que sedimentam e alicerçam valores no pleno exercício da cidadania, interagindo com os sujeitos sociais e profissionais pela dialética que aprende e constrói o saber, como objeto do crescimento humano e profissional.

Finalmente o aluno no final da última aula estará construindo seus projetos na concretude das ações enquanto cidadão trabalhador que está envolvido com o mundo sob permanentes mudanças de paradigmas, contribuindo

com o mundo e aprendendo no mundo. Que tal conferir que no final da aprendizagem desta disciplina ética profissional estaremos valorizando o conhecimento e os bens culturais, além de aprendermos a conviver com as adversidades éticas.

# Projeto instrucional

**Disciplina:** Ética Profissional (carga horária: 30h).

**Ementa:** Fundamentos ontológicos-sociais da ética. Debate teórico-filosófico sobre questões éticas da atualidade. O processo de construção de um *ethos* profissional, o significado de seus valores e as implicações éticas – políticas de trabalho.

AULA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	MATERIAIS	CARGA HORÁRIA (horas)
1. Fundamentos ontológicos – sociais da ética	Reconhecer as bases da filosofia e os significados etimológicos da ética e refletir sobre a evolução da ética. Compreender a importância dos princípios que norteiam a ética. Identificar os elementos conceituais e fundamentos conceituais da ética. Analisar os sistemas racionalistas da ética. Estimular o aluno aos primeiros ensaios de compreensão sobre Justiça, Direito, Dever e Código Civil.	Ambiente virtual: plataforma <i>moodle</i> . Apostila didática. Recursos de apoio: <i>links</i> , exercícios.	10
2. Debate teórico-filosófico sobre questões éticas da atualidade	Valorizar o conhecimento e bens culturais. Compreender a importância e os significados históricos do comportamento humano à luz da ética e da moral. Demonstrar a existência de unidade filosófica dos gregos aos filósofos contemporâneos. Analisar os fundamentos da ética clássica comparando-a com a ética contemporânea. Analisar a ética e suas relações com o Direito e a Justiça à luz dos Princípios Universais. Classificar e exemplificar atitudes na dimensão da ética e da moral.	Ambiente virtual: plataforma <i>moodle</i> . Apostila didática. Recursos de apoio: <i>links</i> , exercícios.	10

AULA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	MATERIAIS	CARGA HORÁRIA (horas)
<p>3. O processo de construção de um <i>ethos</i> profissional, o significado de seus valores e as implicações éticas – políticas de seu trabalho</p>	<p>Reconhecer os conceitos da ética profissional.</p> <p>Gerenciar as ações no âmbito da ética profissional, avaliando resultados e sistematizando conclusões deontológicas.</p> <p>Socializar suas ações, conclusões e reflexões sobre a prática dos sujeitos envolvidos nas inúmeras relações com o mundo do trabalho.</p> <p>Socializar ações, conclusões e reflexões sobre a prática dos sujeitos envolvidos nas inúmeras relações com o mundo do trabalho.</p> <p>Executar pesquisa no campo da ética na ambiência do mundo do trabalho.</p>	<p>Ambiente virtual: plataforma <i>moodle</i>.</p> <p>Apostila didática.</p> <p>Recursos de apoio: <i>links</i>, exercícios.</p>	<p>10</p>

# Aula 1 – Fundamentos ontológicos – sociais da ética

## Objetivos

Reconhecer as bases da filosofia e os significados etimológicos da ética e refletir sobre a evolução da ética.

Compreender a importância dos princípios que norteiam a ética.

Identificar os elementos conceituais e fundamentos conceituais da ética.

Analisar os sistemas racionalistas da ética.

Estimular o aluno aos primeiros ensaios de compreensão sobre Justiça, Direito, Dever e Código Civil.

## 1.1 Gênese, formação e evolução da ética

A palavra *ἦθος* (*êthos*), da qual deriva “ética”, não significa somente “uso” ou “costumes” como tradicionalmente lembram os estudos introdutórios aos compêndios de Ética. Heidegger, muito oportunamente, recorda que *ἦθος* tem também uma outra etimologia, mais antiga, fundamental e sugestiva: “moradia”, “lugar onde se habita”... *ἦθος ἀνθρωπῶ δάμῶν*, elucidam essa etimologia: “O lugar de habitação do homem é a proximidade dos deuses”.

Para apreender o sentido mais profundo dessa afirmação, Heidegger retoma um episódio relatado por Aristóteles: chegaram uns estrangeiros que queriam conhecer Heráclito e – para sua profunda decepção – encontram o famoso sábio prosaicamente aquecendo-se junto ao fogão. Ante o olhar de frustração dos visitantes, Heráclito dá de ombros e responde: “Mas, se também aqui estão os deuses...”.

E conclui: “*ἦθος ἀνθρωπῶ δάμῶν*, como diz o próprio Heráclito: a morada (familiar) (*geheure Aufenthalt*) é para o homem, o aberto para a presentifica-

ção (*Anwesenung*) de Deus (o in-familiar)”. Em suas análises, nosso autor volta-se para a forma da justiça e mostra que o *ἦθος*, a morada do homem, é o ser! O *ἦθος* é o ser que somos (e nos tornamos...) pelo agir livre e responsável.

O ser humano não habita apenas uma casa feita de tábuas ou de tijolos. Como ser “humano”, vivendo junto com outros seres humanos, sua habitação – seu *ethos* – é feito de hábitos, de costumes e tradições, de sonhos e de trabalhos, formando um verdadeiro *habitat*, um ambiente vital onde a vida humana pode nascer, crescer e multiplicar-se.

Como toda casa necessita de alicerces, a ética necessita de estruturas e para a ética: são os princípios os seus alicerces, de maneira que os fundamentos da ética são absolutamente necessários para que ela possa se sustentar. Há também vigas mestras para apoiar os assoalhos e as paredes. Na ética, são os padrões, os modelos que determinam os espaços do que é ético e do que fica do lado de fora da ética.

Há, evidentemente, o telhado de uma casa, ou seja, para a ética aquilo que irá protegê-la para que não fique exposta continuamente às crises, às intempéries e aos ventos de doutrinas estranhas.

Os detalhes e acabamentos também são importantes em uma casa. As repartições que organizam de modo harmonioso o lugar de dormir, o lugar de comer, o lugar de acolher o hóspede, podem ser comparadas com as diversas orientações da ética: a intimidade das pessoas, a necessidade da economia, o desejo de relações sociais.

Enfim, como na casa, a ética ganha vida através de pequenos detalhes cotidianos. O lar é feito de um café da manhã, de uma música na sala, de um remédio à cabeceira, das fraldas do menino, do chinelo na porta.

A ética se dá através de pequenos e firmes costumes. Afinal, como na casa, quando esquecemos os alicerces, das vigas mestras internas e das paredes até o telhado, nada nos oferece de garantias para abrimos a janela e respirar as folhas orvalhadas ao primeiro raio do sol ou pelo costume de tomar um chá antes do repouso, ou de beijar a amada ao sair para o trabalho, pois se torna uma casa frágil.

A ética é a casa, a estrutura global, feita de alicerces, vigas, paredes e telhados. A moral abrange os costumes estabelecidos, as normas de funciona-



mento da vida dentro da casa, os detalhes variados e às vezes tão arraigados nos costumes. Se esquecermos deles na vida nos tornamos frágeis aos vícios e maus costumes.

## 1.2 Sistemas conceituais fundamentais da ética

**Egoísmo** – é uma das tarefas da ética responder sobre as questões do egoísmo, que é a preocupação com os interesses de caráter individual ou corporativo, cujo conceito não inclui a avaliação moral, pois não nos diz se a preocupação com esses interesses é boa ou má.

**Altruísmo** – a ética responde a esse conceito que deve significar a preocupação com os interesses do outro, porém, não inclui a avaliação moral, pois não significa que uma ação altruística é boa ou má.

**Moralidade** – é um código de valores capaz de guiar a conduta do homem e suas respectivas escolhas e decisões, permitindo julgamento do certo ou do errado, do bem ou mal.

**Bem objetivo** – existem teorias sobre o bem subjetivo que dizem ser ele derivado de uma avaliação dos fatos da realidade em relação ao homem, segundo um padrão racional de valor, ou seja, validados por um processo de razão. Outras teorias vêm de escolas do pensamento, que olham o bem como produto da consciência do homem, independentemente da realidade e outro independentemente da consciência do homem.

**Virtude** – na época contemporânea a virtude é vista com certo moralismo antiquado. Na época clássica, como conceito central. Com base em vários autores poderíamos traduzir por “excelência”. “O que faz com que um ser humano seja de tal modo pleno ou autêntico é a virtude”.

**Solidariedade** – são princípios que se aplicam às instituições sociais, a cada pessoa e a toda organização, onde os homens devem aprender a viver para os demais e não somente com os demais. São obras concretas de serviços aos outros.

**Subsidiariedade** – é um princípio que volta-se ao respeito às relações entre os níveis de concentração de poder e os respectivos interesses sociais a serem satisfeitos. Nem o Estado ou a sociedade jamais deverão substituir

a iniciativa e a responsabilidade das pessoas nos níveis em que eles podem atuar e também destruir o espaço para a sua liberdade. Cada ser humano deve ser o autor de seu próprio desenvolvimento. A iniciativa é ponto de partida para qualquer ação humana sob sua responsabilidade individual de edificar a sociedade em que vive. Para isso, é preciso maior liberdade possível e menor controle.

**Participação** – é a garantia de liberdade para se constituírem associações honradas que contribuem com o bem comum, capazes de reconstituir qualquer esfacelamento social e deficiências produzidas nas relações sociais.

**Finalidade** – este conceito está ligado à prática da moral vivida e à teoria da moral. “A finalidade significa aqui que o ser humano age para atingir um determinado objetivo ou fim”. Diferentemente do instinto e do comportamento predeterminado do animal, o homem tem a capacidade de introduzir uma indeterminação.

**Consciência** – é entendida como “capacidade de projetar, diante de si próprio, a representação do fim proposto e de escolher em função deste fim um meio, ou uma sucessão de meios”.

**Consenso** – na época contemporânea, muitos filósofos contestam a problemática do fundamento da moral. Essa situação depende da recusa da metafísica e da impossibilidade de impor ao outro ser humano a sua norma de comportamento.

**Responsabilidade da ética** – a consequência de procurar o consenso é: insistência sobre a responsabilidade pessoal e coletiva. Se o conflito entre morais reenvia cada um para a sua liberdade, a responsabilidade torna-se o fundamento da ética contemporânea. No entanto, o sentido comum de responsabilidade é o de assumir as consequências do ato praticado.

**Sabedoria/Prudência** – é a prudência que permite articular o que caracterizaríamos como ligação do real com o ideal. A prudência encarna uma proposta de universalidade ou uma excelência abstrata nas circunstâncias sempre individualizadas da ação.

**Norma** – Kant trouxe-nos a questão do dever e da obrigação. O que se impõe como força normativa à consciência moral é a realização do bem. A **norma jurídica** é a célula do ordenamento jurídico (corpo sistematizado de regras de conduta, caracterizadas pela coercitividade e imperatividade).

É um imperativo de conduta, que coage os sujeitos a se comportarem da forma por ela esperada e desejada.

**Moralismo** – faz referência mais a determinados campos da conduta humana onde a visão estreita de moralidade deriva para moralismo - equivale a uma espécie de loucura da ética, quando se perde o sentido geral das coisas para se apegar a certos pontos ou normas, que são tomados de forma absoluta, sem levar em conta a amplitude, o conjunto. Moralismo é a doença da ética.

**Eticidade** – segundo Hegel, na sua filosofia do direito, a eticidade torna-se diferente da moralidade em face apenas de uma concepção institucional, mesmo que continue sendo a realização de atos humanos, oriundos de sua vontade.

**Dever *prima facie*** – o dever *prima facie* é uma obrigação que se deve cumprir, a menos que ela entre em conflito, numa situação particular, com um outro dever de igual ou maior porte.

**Metaética** – é o estudo dos aspectos lógicos de um discurso ou tratado moral. É o estudo do significado dos termos usados no discurso ético. É o tipo de reflexão que analisa o discurso moral, constituindo uma metalinguagem de caráter pretendidamente neutro ou não normativo.

### 1.3 Sistemas racionais da ética

Na eticidade, como identidade da vontade universal e particular, há uma coincidência entre deveres e direitos. “Por meio do ético, o homem tem direitos, na medida em que tem deveres, e deveres, na medida em que tem direitos”. Só pode ter deveres quem tem, ao mesmo tempo, direitos. Um escravo, portanto não pode ter deveres.

O Imperativo Categórico é uma das ideias centrais para a adequada compreensão da moralidade e da eticidade. Nesta proposta Kant sintetizou o seu pensamento sobre as questões da moralidade. Kant valorizava esta ideia de lei moral. Ele cunhou uma das mais célebres frases a esse respeito:

**Imperativo categórico** – “Age somente, segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo em que se torne lei universal.” É um dos principais paradigmas da filosofia de Kant. Sua ética vem a ser o dever de



agir na conformidade dos princípios que se quer devendo ser aplicados por todos os seres humanos.

**Imperativo universal** – “Age como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, por tua vontade, lei universal da natureza.”

**Imperativo prático** – “Age de tal modo que possas usar a humanidade, tanto em tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre como um fim ao mesmo tempo e nunca apenas como um meio.”

A justiça não é o direito objetivo nem tampouco o direito ideal. Na melhor das hipóteses, esse último é o objeto das intenções do homem justo. Mas o uso da linguagem favorece o equívoco. Em sentido amplo, “justa” pode ser uma lei, uma disposição, uma determinada ordem, na medida em que correspondem à ideia do direito.

Nesse sentido, a palavra “justa” não significa o valor moral da pessoa. A pessoa aqui não é de modo algum o portador do valor; o valor, muito embora a ação humana possa inicialmente tê-lo realizado, é unicamente valor de um objeto, valor de uma situação, valor para alguém. Todo direito existente ou ideal é valioso.

Em outro sentido, porém justo é o indivíduo que faz o certo ou tem a intenção de fazê-lo e que trata os semelhantes – seja em disposição ou em conduta efetiva – à luz da igualdade requerida. Aqui a justiça é um valor de ação da pessoa, é um valor moral.

O Direito Civil é inspirado no Direito Romano. A primeira fonte do direito é a lei. O Código Civil constitui a base de todas as outras leis, que completam seus artigos ou definem as suas exceções. Os códigos civis caracterizam-se essencialmente por um alto nível de abstração que permite aos juízes interpretar e analisar todas as situações concretas, seja aplicando a lei, seja preenchendo suas lacunas por extrapolação.

“Não se esqueça de que o que é justo do ponto de vista legal pode não sê-lo do ponto de vista moral.”

## Resumo

Nesta aula o aluno teve o primeiro contato com os significados da palavra ética e a importância deles na sua gênese, ou seja, na sua etimologia, de forma a produzir a compreensão das diferenças conceituais que indicam atitudes éticas ou não éticas.

Observando as diferenças conceituais teóricas das diversas expressões que produzem rotulações humanas perceberam-se os diferentes significados dos valores que são atribuídos às ações humanas até chegar aos sistemas racionais que identificam as relações do direito objetivo juntamente com o significado de justiça, direito, dever e código civil.

## Atividades de aprendizagem

PERFIL DE MÚLTIPLAS ESCOLHAS (psicologia do comportamento)



O mundo hoje se apresenta diante de nós como uma infinita combinação de ofertas de consumo e a própria globalização coloca-nos sobre profundo trauma no ato de nossas escolhas. É fato que criamos concorrência dentro de nosso psicológico afetado pela tecnologia, relatividade e diversidade de opções, todas implicadas nas escolhas certas ou erradas que fazemos a todo instante.

Nossa liberdade é comprometida e afeta nosso *status quo* de felicidade, pois vivemos nos arrependendo, sob impulsos depressivos e incertezas. O Professor de Psicologia Barry Schwartz faz observações sobre nosso estado compulsivo de consumo sob o prisma das e permanentes múltiplas escolhas de nossa vida.

Os psicólogos norte americanos já evidenciam alto grau de infelicidade nos países mais ricos e, segundo pesquisas, os campos do relacionamento interpessoal são os mais afetados. As pessoas pensam a todo instante nas preocupações ainda inexistentes.

Vamos ver como você está nesse momento?

Leia as sentenças e responda atribuindo nota de 1 a 7, na relação progressiva de aceitação. O 1 (um) significa discordo totalmente. O 7 (sete) significa concordo plenamente.

1. Quando estou diante de uma decisão, fico imaginando todas as possibilidades, mesmo as que não estão presentes no momento. ( )
2. Não importa o quanto estou satisfeito com o meu trabalho, é sempre bom ficar atento à procura de coisa melhor. ( )
3. Quando estou satisfeito com algo que me relaxa, tal como ouvir uma música, fico trocando de canal para encontrar algo melhor para ouvir. ( )
4. Quando estou diante da televisão, fico olhando outros canais até encontrar algo que prenda um pouco minha atenção. ( )
5. Nos meus relacionamentos interpessoais, trato as pessoas como se fossem roupas: experimento várias para encontrar aquela que vai me vestir melhor. ( )
6. Quando quero dar um presente para um amigo, tenho muita dificuldade para escolher pois me preocupo se ele vai gostar ou não. ( )
7. Se vou alugar um filme ou comprar roupas, tanto faz. Fico muito indeciso com relação ao meu gosto. ( )
8. Sou fã de carteirinha dos melhores cantores, dos melhores filmes, dos melhores atletas, dos melhores professores, das melhores novelas. ( )
9. Quando quero escrever uma carta para um amigo ou parente tenho dificuldades de passar meus pensamentos e fico fazendo rascunhos, mesmo de coisas simples do dia a dia. ( )
10. Não importa o que faço, tenho as melhores impressões sobre mim mesmo. ( )
11. Nunca me contento com o segundo lugar em algo que eu faça. ( )
12. Sempre me imagino vivendo de outra forma, diferente da que eu vivo atualmente. ( )

Se você somar mais de 48 (quarenta e oito) pontos, existe uma tendência a ser obsecado pelo materialismo e pelo imediatismo.

Caso você obtenha mais de 72 (setenta e dois pontos), muito cuidado, a falta de agregado de sustentabilidade dos valores podem lhe arrastar para uma depressão. O interessante é que pensam estarem fazendo as melhores escolhas e sendo mais objetivos, no entanto, vivem um sentimento de angústia, de insatisfação e normalmente se vêem infelizes.

Quando se comparam à outras pessoas, não sentem prazer e tendem a ficar arrependidos. Perdem mais tempo na vida escolhendo, logo, são mais ansiosos.

**A moral dessa atividade é:** até mesmo as nossas escolhas devem ter limites. Opções ilimitadas não trazem satisfação e são frutos de ansiedade. A outra ideia é permitir a reflexão sobre regras no cotidiano da vida voltadas a valores e a aspectos positivos. “Quem muito escolhe, perde a chance de viver de forma ética e de se satisfazer satisfazendo.”





# Aula 2 – Debate teórico-filosófico sobre questões éticas da atualidade

## Objetivos

Valorizar o conhecimento e bens culturais.

Compreender a importância e os significados históricos do comportamento humano à luz da ética e da moral.

Demonstrar a existência de unidade filosófica dos gregos aos filósofos contemporâneos.

Analisar os fundamentos da ética clássica comparando-a com a ética contemporânea.

Analisar a ética e suas relações com o Direito e a Justiça à luz dos Princípios Universais.

Classificar e exemplificar atitudes na dimensão da ética e da moral.

## 2.1 A filosofia dos gregos e suas relações com o mundo

O nosso trabalho vai considerar a ética como a ciência da conduta humana, do fim a que se destina essa conduta e dos meios para atingir esse fim, apoiado nos filósofos que consideram a natureza do homem.

Como ciência da conduta dos homens, visa encontrar os motivos da conduta ou as forças que determinam a existência dos fatos, sendo necessária uma definição objetiva e racional dessa conduta voltada para o bem.

Precisamos entender que o mundo de **Sócrates** e, sua humanidade não mais existem e que, para substituir a divindade que norteava suas realizações e inspirações, hoje existe a **razão**. É necessário compreender a gênese deste raciocentrismo do mundo ocidental que, utilizando-se da ética, normatizou a conduta humana estabelecendo conceitos racionais do que seria o **bem** e do que seria o **dever**.

Um grande problema foi colocado no mundo pós-moderno: o paradigma racional que vem destruindo os valores éticos que criaram raízes desde os gregos e os primeiros códigos de ética com formação dogmática cristã, denominado de dez mandamentos que fez surgir o atual "nihilismo ético".

O propósito maior é o da reflexão que permitirá análises sobre o tempo em que **Sócrates** falava com o seu "*daimon*", ou seja, com sua divindade ou "morada humana", dizia-se "inspirado por um demônio", e suas ações se justificavam naquilo que sua divindade lhe dizia.

A ideia é compreender desde o mundo pré-socrático, passando pelos filósofos das épocas onde o divino tudo permeava e se manifestava nas ações humanas e, como diziam Platão e Aristóteles: "um mundo onde o divino era polimorfo."

O filósofo **Heráclito** dizia que o "*éthos*" se referia ao "espaço aberto onde mora o homem", ou seja, o chamado "*habitat*", que serve de morada para o homem e que este espaço era onde a divindade se fazia presente, ou era o seu "*daimon*".

O nosso estudo vai perpassar todas as possibilidades da incompreensão e avançar no entendimento das relações entre o que seria *éthos* e moral e entender o divino que habita em nós.

É preciso buscar na **Filosofia** as bases para essa compreensão vencendo as dificuldades da cultura racioncêntrica que vive suas profundas crises morais e éticas e, olhando nossa humanidade sem dogmatismos, resgatar o sentido real do bem.

É preciso verificar que a humanidade antes de **Platão** não precisava justificar seus atos e suas relações, porque não existiam conceitos ontológicos ou metafísicos que orientassem critérios para as ações humanas. Após **Platão**, as ações humanas começaram a ser explicadas, doutrinas foram surgindo, e o mundo das "cartilhas" ou dos "catecismos" foi formando um complexo na existência humana.

### 2.1.1 Precisamos da filosofia

Palavra de origem grega constituída por duas outras: "*philo*" e "*sophia*". A primeira deriva de "*philia*", que significa amizade, amor fraterno, respeito. A segunda significa sabedoria. É dela que deriva a palavra sábio, do grego, "*sophos*".

A Filosofia significa o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, ou pelo que deseja saber.

### 2.1.1.1 Antiga Grécia

As teorias éticas gregas, entre o século IV e o século V a.C. são marcadas por dois aspectos fundamentais:

#### a) Polis

A organização política em que os cidadãos vivem – as cidades-estado – favorece a sua participação ativa na vida política da sociedade. As teorias éticas apontam para um dado ideal de cidadão e de sociedade.

**Cosmos** – algumas das teorias ético-políticas procuram igualmente se fundamentarem em concepções cósmicas.

#### b) Teorias éticas fundamentais

**Sofistas** – defendem o relativismo de todos os valores, afirmando que cada cidadão deveria alcançar o prazer supremo que seria o poder político. No entanto, esse mesmo poder pertenceria a poucos mais fortes na força das palavras, e a maioria dos fracos deveria ser dominada por essa minoria.

**Sócrates (470-399 a.C.)** – defende o caráter eterno de certos valores como o bem, a virtude, a justiça e o saber. O valor supremo da vida é atingir a perfeição. Tudo deve ser feito em função desse ideal, o qual só pode ser obtido através do saber. Na vida privada ou na vida pública, todos tem a obrigação de se aperfeiçoarem fazendo o bem, sendo justos.

**Platão (427-347 a.C.)** – defende o valor supremo do bem. O ideal que todos os homens livres deveriam tentar atingir. Para que isto acontecesse, deveriam ser reunidas, pelo menos duas condições:

- a) Os homens deviam seguir apenas a razão, desprezando os instintos ou as paixões.
- b) A sociedade devia ser reorganizada, sendo o poder confiado aos sábios, de modo a evitar que as almas fossem corrompidas pela maioria composta por homens ignorantes e dominadas por instintos ou paixões.



**Aristóteles (384-322 a.C.)** – defende o valor supremo da felicidade. A finalidade de todo o homem é ser feliz. Para que isso aconteça é necessário que

cada um siga a sua própria natureza, evite os excessos, seguindo sempre a via do “meio termo” (justa medida).

Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômacos*, faz citação: *Akrasia*, ou “fraqueza de vontade”, é o problema apresentado por uma pessoa que pensa, ou professa pensar que deve fazer algo, mas não o faz.

### **2.1.1.2 Mundo helenístico e romano**

Com o domínio da Grécia por Alexandre Magno e os impérios que lhe seguiram, alteraram-se os contextos em que o homem vivia.

As cidades-estados são substituídas por vastos impérios constituídos por uma multiplicidade de povos e de culturas. Os cidadãos sentem que vivem numa sociedade na qual as questões políticas são sentidas como algo muito distante de suas preocupações.

As teorias éticas são nitidamente individualistas, limitando-se, em geral, a apresentar um conjunto de recomendações (máximas) sobre a forma mais agradável de viver a vida.

#### **a) Teorias éticas fundamentais**

O desenvolvimento científico que mais afetou a ética depois de Newton, foi a teoria da evolução apresentada por Charles Robert Darwin. Suas conclusões foram os suportes documentais da chamada ética evolutiva, do filósofo Herbert Spencer, para quem a moral resulta apenas de certos hábitos adquiridos pela humanidade ao longo de sua evolução.

Friedrich Nietzsche explicou que a chamada conduta moral só é necessária ao fraco, uma vez que visa a permitir que este impeça a autorrealização do mais forte.

Bertrand Russell marcou uma mudança de rumos no pensamento ético das últimas décadas. Reivindicou a ideia de que os juízos morais expressam desejos individuais ou hábitos aceitos. A seu ver, seres humanos completos são os que participam plenamente da vida social e expressa tudo o que faz parte de sua natureza.

Os filósofos que julgam que o bem pode ser analisado são chamados de naturalistas. Eles consideram os enunciados éticos como descritivos do mundo em termos de verdadeiro ou falso.

Ética como ciência normativa é fundamentada por princípios da conduta humana, diretrizes no exercício de uma profissão, estipulando os deveres que devem ser seguidos no desempenho de uma atividade profissional, também denominada filosofia moral.

Na história da ética esta se entrelaça com a história da filosofia. No século VI a.C., Pitágoras desenvolveu algumas das primeiras reflexões morais a partir do orfismo, afirmando que a natureza intelectual é superior à natureza sensual e que a melhor vida é a dedicada à disciplina mental.

Os sofistas se mostraram céticos no que se refere aos sistemas morais absolutos, embora, para Sócrates, a virtude surja do conhecimento, e a educação possa conseguir que as pessoas sejam e devam agir de acordo com a moral. Seus ensinamentos forjaram a maior parte das escolas de filosofia moral gregas da posteridade.

Aristóteles considerava a felicidade a finalidade da vida e a consequência do único atributo humano, a razão. As virtudes intelectuais e morais seriam apenas os meios destinados a sua consecução.

O epicurismo, por sua vez, identificava como sumo bem o prazer, principalmente o prazer intelectual e, tal como os estóicos, preconizava uma vida dedicada à contemplação.

No fim da Idade Média, São Tomás de Aquino viria a fundamentar na lógica aristotélica os conceitos agostinianos de pecado original e da redenção por meio da graça divina.

À medida que a igreja medieval se tornava mais poderosa, desenvolvia-se um modelo de ética que trazia castigos aos pecados e recompensa à virtude através da imortalidade.

Para Baruch Spinoza, a razão humana é o critério para uma conduta correta e só as necessidades e interesses do homem determinam o que pode ser considerado bom e mau, o bem e o mal.

Jean-Jacques Rousseau, por sua vez, em seu contrato social (1762), atribuía o mal ético aos desajustamentos sociais e afirmava que os seres humanos eram bons por natureza.

Uma das maiores contribuições à ética foi a de Emmanuel Kant, em fins do século XVIII. Segundo ele, a moralidade de um ato não deve ser julgada por suas consequências, mas apenas por sua motivação ética.

As teses do utilitarismo, formuladas por Jeremy Benham, sugerem o princípio da utilidade como meio de contribuir para aumentar a felicidade da comunidade.

Já para Georg Wilhelm Friedrich Hegel, a história do mundo consiste em “disciplinar a vontade natural descontrolada, levá-la a obedecer a um princípio universal e facilitar uma liberdade subjetiva”.

**Epicuro (341-270 a.C.)** – em seus 31º e 37º princípios doutrinários propunha que “as leis existem para os sábios, não para impedir que cometam, mas para impedir que recebam injustiça. (...) A justiça não tem existência por si própria, mas sempre se encontra nas relações recíprocas, em qualquer tempo e lugar em que exista um pacto de não produzir nem sofrer dano.”

**Cínicos (Antístenes, Diógenes)** – o objetivo da vida do sábio é viver de acordo com a natureza, afastando-se de tudo aquilo que provoca ilusões e sofrimentos: convenções sociais, preconceitos, usos e costumes sociais, etc. Cada um deve viver de forma simples e despojada.

**Estóicos (Zenão de Cítio, Sêneca e Marco Aurélio)** – o homem é um simples elemento do cosmos cujas leis determinam o nosso destino. O sábio vive em harmonia com a natureza, cultiva o autodomínio, evitando as paixões e os desejos, em suma, tudo aquilo que pode provocar sofrimento.

**Céticos (Pirro, Sexto Empírio)** – defendem que nada sabemos, que nada podemos afirmar com certeza. Em face dessa posição de princípio, a felicidade só pode ser obtida através do alheamento do que se passa a nossa volta, cultivando o equilíbrio interior.

A concepção mecanicista defendida pelos sofistas, e por Epicuro separava as questões do homem da natureza. Aquilo que determinava o agir humano era a procura do prazer e o afastamento da dor. O comportamento humano era marcado pela instabilidade dessas motivações, dado que variava em função dos objetos de desejo.

A concepção finalista defendida por Platão e Aristóteles subordinava o homem ao cosmos. O sentido da sua existência tinha que ser pensado no

quadro da ordem que reinava no cosmos. A ação humana orientava-se de acordo com a sua natureza, para o fim último a cujo cumprimento estava orientado. Não se trata de saber o que leva o homem a agir, mas onde reside a sua perfeição ou plenitude das suas tendências naturais.

A lei natural foi inspirada a partir de Heráclito, Platão e Aristóteles, os estóicos e outros filósofos segundo os quais essa lei governava o cosmos e definia a natureza dos homens e o seu lugar na hierarquia cósmica.

O cristianismo representado por S. Tomás de Aquino (século XIII) fortalece a existência de uma lei natural universal capaz de regular o comportamento humano e de todos os seres. No entanto, apenas o homem está submetido às leis morais, consideradas “leis naturais” que, colocadas como princípio ordenador da conduta humana, devem estar em harmonia com a ordem geral do universo, ou seja, com a Lei Divina.

Quando olhamos Descartes e outros filósofos que definem a natureza humana no plano racional e, com plena autonomia sobre a face da terra justifica-se por que desde o século XVII as teorias cosmológicas vão ruindo, de maneira que a Filosofia reconstitui as bases das teorias morais através da Teologia e na ética pelo comportamento natural do homem.

No século XVIII, com a identificação de Deus com a racionalidade dos homens afirma-se que a base de toda a sociedade humana está na razão e na natureza. O direito natural como o conjunto de regras determinadas pela razão regula a sociedade e está conforme a reta razão. A vida, a dignidade humana e a propriedade são um direito natural e não podem, portanto, ser negadas a nenhum ser humano.

Desse momento, surgem os filósofos **Thomas Hobbes** (1588-1679) e **John Locke**. O primeiro desenvolve teorias políticas e de estado, enquanto John Locke afirma que o direito está enraizado numa “lei da natureza” da qual “deriva a própria constituição do mundo em que todas as coisas observam nas suas operações uma lei e um modo de existência adequados à sua natureza”.

John Locke mais tarde afirmará que a lei da natureza é a lei da razão. Foi só no século XVIII que o conceito “direitos naturais” foi substituído por “direitos humanos”. Essa designação surgiu pela primeira vez na obra de Thomas Paine, intitulada “*Rights of Man*” (Direitos do Homem), 1791-1792.



**Augusto Comte** – francês, pai do positivismo reforçou a moral do altruísmo.

**Herbert Spencer** – inglês, defensor da ética biológica, acredita em uma ética evolutiva de maneira que, através das experiências consecutivas, o homem vai adaptando-se às mutações da vida e termina por estabelecer os costumes que passam a influir sobre as condutas.

Vários foram os pensadores contemporâneos que discorreram sobre o tema. Nenhum merece o desconhecimento. Todos os esforços despendidos vieram mostrar que a conduta humana é rica em sua produção de fenômenos e, portanto, vale o estudo no sentido de conhecê-la.

Buda acusava a ignorância como a causa dos erros e admitia que esta se operava quando se excluía a ação da consciência. Em síntese, há necessidade de suprimir a forte emoção do desejo, substituindo-a por uma consciência inteligente.

Hoje, quando buscamos as bases das teorias budistas, encontramos um ramo do conhecimento que se dedica para a ciência do “eu”, com objetivos de buscar os elementos para o controle das emoções, de maneira a não mascarar as condutas virtuosas, ou seja, as qualidades da ética.



**Immanuel Kant** – alemão cuja teoria partiu do pressuposto de que a razão guia a moral e que três são os pilares em que se sustenta: Deus, liberdade e imortalidade. Ele adverte que a simples inclinação para o cumprimento da lei por respeito, não é o exercício de uma vontade para si. Sem liberdade, não pode haver virtude e, sem esta, não existe a moral, nem pode haver felicidade dos povos, porque também não pode haver justiça.

### **b) Fundamentos éticos: perspectiva clássica**

Isabel Renaud faz uma reflexão sobre o estudo da ética clássica afirmando ser mais um ato interpretativo contemporâneo que respeita e recria dados analisados. A autora começa por referir que toda a reflexão filosófica passa pela subjetividade do pensador. Essa situação “caracteriza o próprio ato de pensar”.

A filosofia contemporânea, no mundo em que vivemos das telecomunicações, da *internet*, dos programas espaciais, da física quântica, ou da medicina de alta tecnologia, a filosofia contemporânea desde o século XIX se fundamenta nos conceitos da história e da filosofia de Hegel pelas ideias de totalidade e de processo, sendo o homem um ser histórico, assim como



a sociedade. Isto traz como uma das consequências a idéia de progresso e consagra a visão crítica diante das bases morais da sociedade ocidental, da religião e os abusos da própria ciência.

Na perspectiva dos gregos, não há escolha dos fins, os quais se impõem ao ser racional em virtude da sua constituição racional, mas a escolha incide sobre os meios para atingi-la.

Em poucas palavras, na nossa vida real estamos sempre às voltas com problemas morais práticos como atos, juízos, normas morais. Isso vale para todos. Não se pode escapar aos problemas concretos e muitas vezes tão fáceis de perceber os aspectos morais envolvidos.

“A ética que surge da finalidade abre-se inevitavelmente ao conceito do bem.”

A filosofia e a ética a todo o momento precisam rever os conceitos de sabedoria/prudência e de normas.

## **2.2 Fundamentos éticos: perspectiva clássica – da razão à responsabilidade da decisão**

### **2.2.1 A razão e o seu conteúdo**

Com Kant, a razão torna-se formal, visto que é medida por ela própria. O imperativo moral passa a impor-se por si mesmo, e o dever-ser já não provém da natureza humana empiricamente considerada.

O imperativo categórico é fundado ontologicamente na e pela liberdade transcendental. Essa liberdade é, portanto, humana, não empiricamente conhecida, racional, pura e, a priori, no sentido em que é compreendida como autonomia, não coincide com nenhum ato livre concreto.

É assim que se instauram as normas do diálogo social, que permitem a cada um o exercício da sua liberdade moral. E, desse modo, “a moral dirige ao direito um pedido para resolver a questão dos conflitos morais entre indivíduos. A própria liberdade muda de sentido, aproximando-se do seu sentido antigo e limitativo de livre-arbítrio”.

### 2.2.2 O conflito

O sociólogo da moral interpreta aqui o moralista, obrigando-o a basear-se no real. O sociólogo parte da verificação de um fato: a liberdade democrática deixa a cada um a responsabilidade moral de si próprio, sancionando apenas juridicamente os comportamentos que a sociedade considera como inaceitáveis.

O que o indivíduo faz além destas normas jurídicas, depende exclusivamente dele próprio. A moral clássica já havia dito que ninguém pode penetrar na consciência moral do outro. E assim, atualmente, a moral procura o fundamento “na gestão teórica e prática dos conflitos que surgem sempre das diferenças entre opiniões morais divergentes”.

**Bases mentais e conduta** – sem perder sua autonomia científica, a ética tem ligações muito fortes com as doutrinas mentais e espirituais. Os estudos científicos da mente chegaram a conclusões comuns no que tange à influência dos conhecimentos adquiridos nas primeiras idades.

**Determinismo genético e educação ética** – apesar de estar vencida no campo da ciência, uma pequena dúvida ainda paira sobre a crença de que nascemos bons ou maus em decorrência de atavismos e que isso não possa ser mais adaptável à vida. Parte-se do princípio de que a conduta advém da vontade e quando esta se manifesta obedece a um comando de estruturas já definidas. A vontade é que sucede à consciência e não esta àquela.

**Influências ambientais** – a educação é vulnerável a um ambiente adverso, especialmente se é ministrada com deficiências ou se ensejar espaços para incompreensões. O meio em que vive a mídia eletrônica, as publicações, enfim, tudo que possa interferir no sentido de corroer a moral educacional, pode acarretar a transformação das referências adquiridas na base educacional.

**Acumulação dos problemas no curso da existência** – essa teoria prevê que a formação ética depende de ambiência sadia, virtuosa, inspiradora de uma consciência no sentido de não prejudicar quem se forma moralmente. Senão, diante de uma crise no curso da existência, o indivíduo abandonará sua formação ética, tornando-se menos capaz para a prática de ato virtuoso.

**Controle na formação da consciência ética** – não basta somente o sustentáculo da educação. É necessário acompanhar o educando para ver se ele cumpre corretamente o que lhe foi ministrado, aplicando-lhe os corretivos

racionais e humanos, ou seja, sem rigor excessivo e sem motivar pânico, medo ou covardia. Há quase 2.000 anos Sêneca já advertia: “não se pode amar quem se teme”.

**Ambiência despreocupada com a moral** – entre os modelos que formam a mente do cidadão e os modelos da norma de que ele necessita cumprir como atitude, podem existir conflitos. O descumprimento de um **dever ético** pode estar explicado nos conceitos de virtude que foram absorvidos pela educação ou pela ambiência do ser.

O natural passa a ser a traição para quem conviveu em um ambiente deformado; natural ser corrupto onde se tolera a corrupção. A lesão aos bons costumes, quando se consagra como prática aceita socialmente, compromete o futuro das novas gerações, por desrespeito ao passado e negligência no presente.

Sabemos que o homem recebe a influência dos instintos, mas não é pré-determinado por eles. Sua inteligência é vontade livre e soberana. Seus caminhos são dirigidos pela bússola mais íntima que é sua consciência, e ele tem algo que o diferencia dos animais: sua capacidade de perceber valores e contemplar o mundo, ultrapassando os determinismos biológicos.

A cultura acumulada na humanidade do homem e sua educação recebida possibilitam que, além de suas necessidades primárias atendidas pelo instinto, possa ele buscar bens e outros valores, tais como:

**Realização pessoal** – habilidades, destrezas, conhecimentos, fama, posição social e política e êxito profissional.

**Valores** – relações pessoais, costumes morais, bens estéticos, amizade e amor.

**Virtudes** – todas as qualidades que o fazem um ser humano honrado e honesto.

As virtudes devem ser entendidas por força da interpretação relativa, como sua origem que, no latim, “*virtus*”, significa virilidade e excelência à perfeição moral. No grego, “*Arete*”, significava excelência, capacidade e valia. Ambos possuem significados que expressam a excelência do homem enquanto homem.



A partir desses conceitos iniciais, é possível se imaginar que os princípios básicos da conduta ética serão: “fazer o bem e evitar o mal, pois querer positivamente o bem dos outros como se quer o seu próprio e não querer um fim bom, empregando meios maus”. Isso deve permear todas as decisões humanas, pois quando se vive bem, com arte de fazer o bem, vive-se com ética.

Todos os grandes homens da História foram unânimes em reconhecer que Sócrates e Platão, tiveram suas vidas pautadas no princípio de que “é melhor sofrer uma injustiça do que cometê-la”.

Sabemos que os hábitos coletivos são frutos dos comportamentos individuais, no entanto, não devemos contrapor o bem comum ao bem particular, pois o bem da comunidade torna possível o bem individual. Na máxima Aristotélica: “Se uma e mesma coisa é um bem para um só homem e para a cidade, é melhor e mais perfeito, procurar defender o bem da cidade [...]”.

Quando nos referimos à ética, precisamos permanentemente compor e refletir sobre conceitos e princípios básicos da ordem social, das virtudes da justiça, de dar a cada um, o que lhe é devido, de maneira que a aquisição das infinitas virtudes permita o desenvolvimento moral das pessoas e o cultivo da cidadania.

Diante desses argumentos, os pilares da justiça, que possuem suas estruturas no todo social a partir da justiça de permuta, justiça de distribuição e da justiça legal geral, suas possibilidades de querer saber sobre ética são quase irreversíveis.

O hábito e a arte de viver bem as relações de justiça devem primeiro estar na vida das pessoas. Vê-se o seu reflexo nos resultados coletivos, no convívio familiar e escolar, no trabalho ou no lazer.

Se nossos olhos virem à ética como modismo, será preciso que ela ande na crista da onda, do dia e da humanidade, pois existe até a ética de quem fala e não vive a ética.

O exemplo significativo é a do nosso Betinho em muito mais do que discurso abraçou uma ação de cidadania contra a miséria e a fome com todas as suas consequências em cadeia, tais como saneamento, saúde, educação e falta de moradia dando exemplo aos maus políticos sobre o caminho para se mudar um país que depende principalmente da sua cultura e de seus valores éticos.

A ética quando colocada sem os fundamentos filosóficos, esvai-se como ciência, no entanto, como arte, ela adquire o brilho do que é bom, da excelência, dos bons costumes e, quando chega ao pluralismo cultural e no universo do consumismo, da globalização, ela necessita ser revista e reconstruída em seus referenciais que ficaram esquecidos na história.

Nas infinitas formas de relação entre os homens, a ética foi surgindo como resposta aos problemas básicos da convivência social. Nessa realidade, surgiram doutrinas, princípios, valores, normas. Quando eles entram em crise, surgem novas necessidades em face de sua substituição.

A exemplo dos sofistas, mestres que ensinavam a arte de convencer os outros pela retórica e pela intervenção em uma sociedade livre, entravam em cena, convencendo e colocando em dúvida as verdades e normas universais.

Sob esse ângulo, pode-se dizer que a ética é a ciência humana de caráter amplo que pode ser refletida em qualquer ciência, pois não existe sociedade humana sem valores humanos. São eles que estabelecem conceitos de virtude comportamental e de moralidade.

Não podemos confundir ética com obrigações mínimas do cidadão. Tradicionalmente, a ética sempre esteve ligada aos aspectos da moral e dos bons costumes.

Sócrates, que muitos consideram fundador da ética, defendeu uma moralidade autônoma independente da religião e exclusivamente fundamentada na razão. Atribuiu ao estado um papel fundamental na manutenção dos valores morais, a ponto de subordinar a ele mesmo autoridade de pai e mãe.

Segundo a ética aristotélica: “Só será feliz o homem cujas ações sejam sempre pautadas pela virtude, e essa chamada virtude só poderá ser adquirida através da educação”.

Sócrates, Aristóteles, Descartes, Platão e todos os filósofos da humanidade buscaram a seu modo o estado ideal, no qual a felicidade e o bem humano fossem o centro da razão e do desejo, da justiça e do bem-estar espiritual. Esses pensadores, como todos nós, tiveram uma noção do bem que caracteriza as ações que separam a nossa humanidade dos animais.

A ética moderna dominante, a partir do século XVI até o século XIX, fragmenta a dominação, separando a razão da fé, o Estado da Igreja e o homem de Deus.

Até o século XVIII com Kant, quase todos os filósofos afirmavam que o objetivo da ética era ditar leis de conduta. Para Hegel a ética aparece nas normas, leis e costumes da sociedade e culmina no Estado.

Sob esse ângulo, a humanidade encontra caminhos para atender à necessidade de buscar uma função para a ética, tornando-a norma universal e necessária para a humanidade no tempo e no espaço.

As teorias enciclopédicas advindas de um número imenso de abstrações carregaram a humanidade de teses fundamentais para a ética, onde Marx é um dos exemplos de modelo que resgata o homem concreto, transformado numa unidade indissolúvel. Um ser espiritual e sensível, natural, teórico e prático, objetivo e subjetivo, produtor, transformador e criador.

Para Marx, a moral é função social e somente será válida quando for universal, para todos os tempos e para todas as sociedades. Até chegar esse momento, tudo é relativo, sendo a moral o alimento espiritual da estrutura existente, sem impregnar-se de “falsos moralismos”, caminhando sempre como sujeito da história.

## 2.3 A ética contemporânea

A ética contemporânea encontra o século XIX fragmentando o formalismo existente e o absolutismo, que permitem ao homem transformar a partir da abstração do universo.

Desde a época em que Galileu afirmou que a terra não era o centro do universo, desafiando os postulados éticos religiosos da cristandade medieval são comuns os conflitos éticos gerados pelo progresso da ciência, especialmente na sociedade industrializada do século XX.

A Sociologia, a Filosofia, a Medicina, o Direito, a Engenharia Genética e as outras ciências se deparam a cada passo com problemas éticos. Em outro campo de atividade humana, a prática política antiética tem sido responsável por comoções e crises sem precedentes em todos os países.

Normalmente quando tratamos sobre ética, falamos sobre a moral que está relacionada aos bons costumes, ou seja, às ações dos homens segundo a justiça, a igualdade e o direito de cada indivíduo no meio social.

Daí a afirmação de que a ética fundamenta-se em valores morais. Portanto, o caráter moral do homem se define pelas escolhas que ele realiza. Suas virtudes determinam ações praticadas perante a sociedade como um todo.

As decisões que se tomam no dia a dia fazem com que se corra o risco de perder os valores éticos baseados nos valores morais, prejudicando seus semelhantes, tanto consciente, como “inconscientemente”. Por exemplo, a frustração, a raiva, o ódio, a disputa e privações fazem parte do aprendizado de uma criança, tanto quanto, o amor, a atenção, o carinho e a afetividade que ela receber.

Precisamos respeitar as diferenças individuais da humanidade, na família, na escola e no ambiente profissional, buscando a reeducação dos valores morais, éticos e humanos, estimulando nas novas gerações o sentimento para convívio social e contribuindo para a melhoria e desenvolvimento de todo o país, na luta por uma realidade melhor para todos, na reconstrução da cidadania.

À ética fora do espaço social e voltada para o universo do individual, faltam todas as possíveis relações que resgatem o universo filosófico e possibilitam a formação dos eixos centrais das condições de sobrevivência do sistema humano na busca do bem comum.

Quando temos normas privadas ou de grupos que visam apenas a interesses determinados ou de categorias de pessoas que não têm respeito ou dignidade, elas representam o máximo das atitudes antiéticas possíveis. Hoje, é comum confundir a ética com as normas éticas impostas pela tradição, pela dominação política e pela educação.

Existe uma definição universal da ética que preconiza sob os imperativos do consenso, ser a dignidade não dependente de nenhuma circunstância, pois é qualidade inerente ao ser humano, e a norma ética é interiorizada no seu real valor.

É mais fácil e mais cômodo obedecer à regra de não matar do que à de salvar o maior número de vidas possível. Matar não é significativamente pior do que deixar morrer. O que é pior, a intenção ou o descaso? Para você pode ter diferença, mas para quem morre tanto faz.

Ser ético é escolher a melhor premissa, perguntando-se sempre qual é o melhor caminho para fazer bem. O que é bem nessa situação? Ficar aberto ao questionamento é permitir ter uma perspectiva ética.

O que for moral oferece normas de como agir em direção do bem. Para cada situação ou realidade, novas perguntas devem ser feitas, pois a moral não se questiona, mas a ética, sim. Ela é dinâmica no tempo e nas circunstâncias.

### 2.3.1. Ética dos fins ou ética dos bens

É representada pela defesa de valores fundamentais denominados de bem comuns e suas manifestações mais importantes são: hedonismo, utilitarismo, eudemonismo e ética dos valores para os quais o fim último é respectivamente o prazer, o útil, a felicidade e os valores.

**Morais deontológicas ou do dever ou da lei** – as que afirmam que o critério supremo é o Dever ou as Leis. O termo deontologia surgiu das palavras gregas “*déon, déontos*” que significam dever e “*lógos*” e se traduzem por discurso ou tratado.

Sendo assim, a deontologia seria o tratado do dever ou o conjunto de deveres, princípios e normas adaptadas por um determinado grupo profissional. Logo, a deontologia é uma disciplina da ética especial adaptada ao exercício da uma profissão.

**Morais situacionais e relativistas** – são as que se recusam a construir a moral sobre um princípio absoluto, seja ele o fim último ou o dever.

Sem alguma base, algum critério objetivo, não é possível escolher um sistema moral bom em lugar de um ruim. Se ambos são igualmente emotivos e irracionais, são ambos igualmente arbitrários tornando qualquer diferença entre eles apenas produto de propensões acidentais ou caprichos pessoais. Nenhuma escolha poderia ser racionalmente defendida.

A humanidade é carregada de regras morais, fundamentada ora no cientificismo, ora no transcendente, mas ambos carentes de ética. Assim, “vale tudo” para você ser feliz (por exemplo, cometer adultério, mas desde que em segredo); “você pode” tudo (comer, beber, jogar, se drogar, assistir ao que quiser curtir a vida adoidado, até dizer coisas que depreciem os outros ou até passar por cima dos outros para conseguir sua meta).



Em outras palavras, alguém que assistiu a repetidas cenas fictícias de estupro, de assaltos, de corrupção, tende a ficar mais insensível diante de outras cenas semelhantes.

A ética é mais ampla e universal durando mais tempo, enquanto a moral é restrita e funciona em determinados campos da conduta humana em determinados períodos. A moral nasce da ética e se a ética desce de sua generalidade e de sua universalidade, fala-se da existência de uma moral.

Mecanismos que são fundamentos das regras do direito e da moral: para sobreviver, o homem se conforma com tais regras e não pode agir de outro modo. É preciso ser ético, porém, a Ética é algo maior, e a moral algo mais limitado, restrito; de maneira que podemos dizer sob esse ângulo de análise, que a ética é um estudo ou uma reflexão sobre o comportamento moral dos indivíduos em uma determinada sociedade.

## 2.4 A ética que analisa, investiga e explica a moral

Exemplos de falso moralismo:

- a) Pai que proíbe a filha de sair, mas sai escondido com pessoas mais jovens.
- b) Proíbe o uso de certas roupas, mas é inconveniente com pessoas na rua que usam as mesmas roupas.
- c) Virgindade.



As normas morais surgem na hora em que somos levados à dúvida de como devemos agir e do fato que julgamos e pelo mal de sermos julgados.

**Normas morais** – a dúvida de como devemos agir e o fato que julgamos ou pelo qual somos julgados pressupõem que haja princípios, normas, regras ou leis, que são os parâmetros de comportamento social e, que nos confrontam com o nosso julgamento do que significa ser leviano, imoral, incompetente ou simplesmente intrometido.

Todos os brasileiros são iguais perante a lei. O preconceito racial é crime. Devemos fazer o bem e evitar o mal.

Apesar das normas existentes (jurídicas, morais, etc.), muitas vezes ainda ficamos na dúvida sobre como agir com retidão. Isso porque ou não existem normas ainda, ou nós não as conhecemos, ou não sabemos interpretá-las.

Em poucas palavras, na nossa vida real estamos sempre às voltas com problemas morais práticos como atos, juízos, normas morais. Isso vale para todos. Não se pode escapar aos problemas concretos e muitas vezes não fáceis da moral.

A moral é uma forma de comportamento humano que compreende tanto o aspecto normativo (regras de ação) quanto o factual (necessidade de adequação dos atos humanos às normas).

A moral é também um fato social – com tendência a ajudar a sociedade a organizar suas ações com base em valores e fins para solucionar suas necessidades.

Quem recorda? Vinícius de Moraes: “é impossível ser feliz sozinho”. O bem é comum. O projeto pessoal e social deve ter a direção da solidariedade e do bem coletivo, capaz de conduzir a própria humanidade à realização daquilo que ela própria é: humana.

É mais fácil dizer que se vive uma crise ética e moral, vivendo todas as circunstâncias para justificar nossa falta de ética, onde o “importante é levar vantagem em tudo”. No entanto, quando a ordem econômica, política e social achar conveniente, resgatam-se imediatamente a ética e a moral segundo os preceitos da “onda ética” do momento. Isso se confunde com honestidade, dignidade e obrigações ou deveres com a ética profissional, ética na educação, na política, etc.

Ideologicamente quando nos referimos à ética como um padrão de comportamento individual e social, tendo como determinante a ideologia da quase totalidade da sociedade, é preciso observar que esse sistema de representação por imagens, por mitos, ou por ideias denominados ideologia tem funções bem definidas na sociedade pelas práticas e relações específicas.

Não podemos pensar em uma estrutura ou formação social sem as ideologias, pois a sociedade precisa e deve ter a função essencial de constituir e renovar o imaginário coletivo, dando ao povo identidade, aspirações e as linhas gerais para sua organização. Não dá para separar a vida social da vida política, pois são elas que produzem os significados e a evocação legitimada dos seus objetivos.

Athusser faz uma constatação afirmando a existência de duas práticas que complementam o processo de reprodução das relações sociais de dominação, o da repressão e o da aceitação social da ideologia.

Ele afirma que os aparelhos de estado vão reproduzindo a ideologia dominante bem devagar de forma mais cruel. A escola, através da educação, reproduz de forma mais violenta, depois vêm a igreja, a imprensa e a cultura. Por isso quando se diz que é a vontade do povo ou da maioria, na verdade é a do grupo dominante, hegemônico que atua na sociedade.

O mundo não dá conta das múltiplas informações que chegam a cada segundo. Perde-se tempo absorvendo as que não possuem mais significado em padrões aceitáveis. Os nossos instintos primários e os sentidos naturais agora precisam da tecnologia química para ser aguçados e dar novos horizontes e novas fantasias.

A ética a nossa disposição não nos sustenta mais diante dos valores do passado, porém ela está presente cada vez mais na nossa vida, mascarando a construção das ideologias e das novas formas de dominação. Apenas queremos e precisamos gritar bem alto, que os elementos principais de todas as éticas não podem faltar: respeito e justiça.

A ética é o vetor por excelência do contexto sem pragmatismos, nunca de características compulsórias (leis), sendo o espectro da ação relativa a partir de preceitos regionalizados, particularizados e nunca universais.

A ética é como um divisor de águas, em parceria entre semelhantes, embora desiguais. Constitui uma espécie de contrato que delimita as ações no âmbito da fidelidade ao jogo institucional das relações humanas.

A constante banalização da quebra de ética pela imprensa mundial vai da banalização da sexualidade infantil e adulta até as notícias de uma guerra mundial.

Cada ser é a principal célula criadora de seu próprio destino. Logo, como vai ficar o destino da humanidade?

“Porque onde andar e estiver o meu tesouro, aí estará também o meu coração” (Mateus 6:21).

A razão se abre para baixo de onde emerge de algo mais elementar e ancestral: a afetividade. Abre-se para cima, para o espírito que é o momento em que a consciência se sente parte de um todo e que culmina na contemplação.

Portanto, a experiência de base não é “penso logo existo”, mas “sinto, logo existo”. Na raiz de tudo não está a razão (*Logos*), mas a paixão (*Pathos*). David Goleman diria que no fundamento de tudo, está a inteligência emocional. Afeto, emoção, numa palavra, paixão é um sentir profundo.

David Coleman, grande filósofo da atualidade coloca a ternura como sendo o cuidado com o outro, o gesto amoroso que protege. O vigor é a contenção sem a dominação, a direção sem a intolerância. Aqui se funda uma ética capaz de incluir todos na família humana. Essa ética se estrutura ao redor dos valores fundamentais ligados à vida, ao seu cuidado, ao trabalho, às relações cooperativas e à cultura da não violência e da paz.

### **2.4.1. O normativo e o fatural**

A moral é um conjunto de normas aceitas livre e conscientemente que regulam o comportamento individual e social dos homens.

Encontramos na moral dois planos: o normativo, constituído pelas normas ou regras de ação e pelos imperativos que enunciam algo que deve ser. E o fatural, que é o plano dos fatos morais constituído por certos atos humanos que se realizam efetivamente.

Os atos adquirem um significado moral – são positivos ou moralmente valiosos quando estão de acordo com a norma; negativos quando violam ou não cumprem as normas. Portanto, certos atos são incluídos na esfera moral por cumprirem ou não uma determinada norma.

O normativo não existe independentemente do fatural, mas aponta para um comportamento efetivo, pois toda norma postula um tipo de comportamento que considera devido, exigindo que esse comportamento passe a fazer parte do mundo dos fatos morais, isto é, do comportamento efetivo real dos homens.

O fato de uma norma não ser cumprida não invalida a exigência de que ela seja posta em prática. Essa exigência e a validade da norma não são afetadas pelo que acontece no mundo dos fatos.

O normativo e o factual possuem uma relação mútua – o normativo exige ser realizado e orienta-se no sentido do factual; o realizado (o factual) só ganha significado moral na medida em que pode ser referido positiva ou negativamente a uma norma.

#### **2.4.1.1 Diferenças entre moral e moralidade**

A moral efetiva compreende as normas ou regras de ação e os fatos que possuem relação com ela. No entanto, esta distinção entre o plano normativo (ou ideal) e o factual (real ou prático) leva alguns autores a propor dois termos para designar cada plano: moral e moralidade.

A moral designaria o conjunto dos princípios, normas, imperativos ou ideias morais de uma época ou sociedade determinadas. A moralidade seria um componente efetivo das relações humanas concretas que adquirem um significado moral em relação à moral vigente. A moral estaria no plano ideal e a moralidade no plano real.

A moralidade é a moral em ação, a moral prática e praticada. Por isso, cremos que é melhor empregar um termo só: moral, indicando os dois planos, o normativo e o efetivo. Portanto, na moral se conjugam o normativo e o factual.

#### **2.4.2. Caráter social da moral**

A moral possui, em sua essência, uma qualidade social. Manifesta-se somente na sociedade, respondendo às suas necessidades e cumprindo uma função determinada. Uma mudança radical da estrutura social provoca uma mudança fundamental de moral.

A moral possui um caráter social.

Cada indivíduo, comportando-se moralmente, sujeita-se a determinados princípios, valores ou normas morais. O indivíduo não pode inventar os princípios ou normas nem modificá-los por exigência pessoal.

O normativo é algo estabelecido e aceito por determinado meio social. Na sujeição do indivíduo, as normas estabelecidas pela comunidade, manifesta-se claramente o caráter social da moral.

As ideias, normas e relações sociais nascem e se desenvolvem em correspondência com uma necessidade social. A função social da moral consiste na regulação das relações entre os homens, visando manter e garantir uma

determinada ordem social, ou seja, regular as ações dos indivíduos nas suas ações mútuas, ou as do indivíduo com a comunidade, visando preservar a sociedade no seu conjunto e a integridade de um grupo social.

O direito garante o cumprimento do estatuto social em vigor através da aceitação voluntária ou involuntária da ordem social juridicamente formulada, ou seja, o direito garante a aceitação externa da ordem social. A moral tende a fazer com que os indivíduos harmonizem voluntariamente, de maneira consciente e livre, seus interesses pessoais com os interesses coletivos.

### **2.4.3. O individual e o coletivo na moral**

O indivíduo pode agir moralmente somente em sociedade.

Uma parte do comportamento moral manifesta-se na forma de hábitos e costumes. O costume apresenta um caráter moral em razão de sua intuição normativa.

A moral implica sempre uma consciência individual que faz suas ou interioriza as regras de ação que se lhe apresentam com um caráter normativo, ainda que se trate de regras estabelecidas pelo costume.

### **2.4.4. Estrutura do ato moral**

O ato moral se apresenta como uma totalidade de elementos: motivos, intenção ou fim, decisão pessoal, emprego de meios adequados, resultados e consequências.

O ato moral não pode ser reduzido a um de seus elementos, mas está em todos eles, na sua unidade e nas suas mútuas relações.

## **Resumo**

Nesta segunda aula o aluno teve contato com os diferentes momentos históricos da filosofia. Após compreender a importância e os significados históricos do comportamento humano ético e moral quando entendidas nas múltiplas relações da sociedade e, quando diante dos vários significados da ética fundamental, o aluno reflete sobre a existência de uma unidade filosófica desde os gregos até a época atual, pela visão dos filósofos contemporâneos.

Estudando os princípios da ética moderna e suas várias relações com o sistema social e político na dimensão do direito e da justiça foi possível compreender as diferenças entre ser ético, antiético, moral, imoral ou amoral.

## Atividades de aprendizagem



Uma via possível de instauração de uma ética fundada nos valores de justiça social é, sem dúvida, o deslocamento de nossa atenção e energia – hoje concentrada na vida privada, afetiva, particular – para a vida comunitária, a associação de classes, o sindicato, o partido político.

As recentes iniciativas da sociedade civil – campanhas contra a fome e a miséria, organizações de apoio à pequena e a média empresas, campanhas de preservação da natureza, esforços de grupos de empresários para uma melhor qualificação do trabalhador, não reeleição de candidatos envolvidos com corrupção – são indicadores da existência de um movimento de construção de uma sociedade pautada por novos valores.

Pode-se dizer que o esforço de repensar os valores da modernidade torna-se, hoje, condição de sobrevivência da própria sociedade e está a exigir a participação de todos os grupos e instituições que compõem o tecido social.

Qual é a contribuição das organizações e do próprio trabalhador, nesse esforço de construção de valores que possam nortear uma sociedade ética?

EXERCÍCIOS: repensando os valores da humanidade.

1. No decorrer da história da sociedade capitalista moderna, as perdas dos trabalhadores foram superiores às conquistas alcançadas no período. Identifica-se hoje o esgotamento de certos valores que manifestam a existência de uma crise da sociedade e da ética do trabalho. Que valores se esgotaram que caracterizam uma crise ética do trabalho?
2. A chamada crise ética do trabalho decorre, segundo analistas do assunto, de um conflito entre valores contidos nessa ética e os princípios que, na prática, orientam as relações sociais do homem moderno.

Justifique essa afirmação, identificando os fatores geradores do conflito entre a ética do trabalho e a prática concreta dos homens da modernidade.

3. Hoje, é cada vez mais generalizada a indignação com comportamentos, antiéticos, manifestada nas mais variadas formas de atuação social.

Dê exemplos de acontecimentos, no âmbito internacional, nacional ou regional, que confirmem essa afirmação.

(Algumas sugestões: selecione notícias de jornais, rádio, televisão; pesquise a sua volta e debata com seu grupo de trabalho, ou em sala de aula o significado ético de cada acontecimento que tenha despertado sua atenção).

4. Já se tornou usual em nosso país, nos períodos que antecedem as campanhas eleitorais, o oferecimento de bens materiais (alimentos, óculos, material escolar, dinheiro, etc.) em troca de votos, especialmente nas regiões de interior. Reflita sobre a situação mencionada e manifeste sua opinião, respondendo às seguintes questões:
  - a) Quais são as implicações éticas dessa prática?
  - b) Que circunstâncias a favorecem?
  - c) No caso de definir responsabilidade moral das pessoas envolvidas (candidato e eleitor), a quem você atribuiria tal responsabilidade? Por quê?



# Aula 3 – O processo de construção de um *ethos* profissional, o significado de seus valores e as implicações éticas – políticas de trabalho

## Objetivos

Reconhecer os conceitos da ética profissional.

Gerenciar as ações no âmbito da ética profissional, avaliando resultados e sistematizando conclusões deontológicas.

Socializar suas ações, conclusões e reflexões sobre a prática dos sujeitos envolvidos nas inúmeras relações com o mundo do trabalho.

Socializar ações, conclusões e reflexões sobre a prática dos sujeitos envolvidos nas inúmeras relações com o mundo do trabalho.

Executar pesquisa no campo da ética na ambiência do mundo do trabalho.

## 3.1 Conceitos da ética profissional

As lideranças sociais têm um poder e uma responsabilidade decisivos em relação à ética. Nenhuma nação, povo, ou grupo social pode realizar seu projeto histórico sem lideranças. A liderança social é o elemento de ligação entre os interesses do grupo social e as oportunidades históricas disponíveis para realizá-los. A responsabilidade ética da liderança, portanto, se pudesse ser medida, teria o tamanho e o peso dos direitos reunidos de todos aqueles que ela representa e lidera.

A liderança social tem uma tripla responsabilidade ética: institucional, pessoal e educacional. Institucional, porque devem cumprir fiel e estritamente os deveres que lhe são atribuídos.

Liderança pessoal porque devem ser cada uma delas, um exemplo de cidadania: justas e eticamente íntegras.



Liderança educacional porque, além de ser um exemplo, deve dialogar com os que ela lidera, de modo a ampliar a sua consciência política e a fazê-los crescer na cidadania.

A moral disciplina o comportamento do homem consigo mesmo. Trata dos costumes, deveres e modo de proceder dos homens com os outros homens, segundo a justiça e a equidade natural, ou seja, os princípios éticos e morais são na verdade os pilares da construção de uma identidade profissional e sua moral mais do que sua representação social contribui com a formação da consciência profissional.

Os princípios éticos e morais são, na verdade, os pilares da construção de um profissional que representa o Direito Justo, distinguindo-se por seu talento e principalmente por sua moral e não pela aparência.

De forma sintética, João Baptista Herkenhoff (2001) exterioriza sua concepção de ética; o mundo ético é o mundo do “deve ser” (mundo dos juízos de valor), em contraposição ao mundo do “ser” (mundo dos juízos de realidade). Todavia, “a moral é a parte subjetiva da ética”.

“O homem nem sempre pode o que quer, nem quer sempre o que pode. Ademais, sua vontade e seu poder não concordam com seu saber. Quase sempre as circunstâncias externas determinam a sua sorte.” (D’HONDT, 1966, p. 105).

**A Ética Profissional e a Filosofia do Agir Humano – O Ser Ético/Axiológico.** É a vida do bem em organizações humanas. A vida plenamente humana, “programa pedagógico esse que visa formar o jovem Técnico em Metalurgia, que participa da cidadania, assumindo com plena consciência a recíproca relação entre direitos e deveres”, consiste essa mesma existência da esfera profissional.

Esse mundo humano – ser ético/axiológico não é uma dádiva da natureza. É uma conquista cultural. Destino das sociedades institucionalizadas, em sua dimensão ético-profissional, a de enveredarem pelos obscuros caminhos da cidade sem lei.

A ética é aplicada no campo das atividades profissionais. Assim, a ética profissional do estudante de Técnico de Metalurgia e demais outras profissões. A ética é ainda indispensável ao profissional, porque na ação humana “o fazer” e “o agir” estão interligados. O fazer diz respeito à competência, à

eficiência que todo profissional deve possuir para exercer bem a sua profissão. O agir se refere à conduta do profissional, ao conjunto de atitudes que deve assumir no desempenho de sua profissão.

O estudo e o conhecimento da Deontologia (do grego *deontos* = dever e *logos* = tratado) se voltam para a ciência dos deveres, no âmbito de cada profissão.

É o estudo dos direitos, emissão de juízos de valores, compreendendo a ética como condição essencial para o exercício de qualquer profissão.

A ética é indispensável ao profissional, porque na ação humana “o fazer” e “o agir” estão interligados. O fazer diz respeito à competência, à eficiência que todo profissional deve possuir para exercer bem a sua profissão. O agir se refere à conduta do profissional, ao conjunto de atitudes que deve assumir no desempenho de sua profissão.

Tanto a moral como o direito baseiam-se em regras que visam estabelecer certa previsibilidade para as ações humanas. Ambas, porém, se diferenciam.

A moral estabelece regras que são assumidas pela pessoa, como uma forma de garantir o seu bem-viver. Independe das fronteiras geográficas e garante uma identidade entre pessoas que sequer se conhecem, mas utilizam este mesmo referencial moral comum.

O direito busca estabelecer o regramento de uma sociedade delimitada pelas fronteiras do Estado. As leis têm uma base territorial, que valem apenas para a área geográfica onde uma determinada população ou seus delegados vivem.

A ética é o estudo geral do que é bom ou mau, correto ou incorreto, justo ou injusto, adequado ou inadequado. Um dos seus objetivos é a busca de justificativas para as regras propostas pela Moral e pelo Direito. Ela é diferente de ambos – Moral e Direito – pois não estabelece regras.

### **3.1.1 Ética profissional: quando se inicia esta reflexão?**

Esta reflexão sobre as ações realizadas no exercício de uma profissão deve iniciar bem antes da prática profissional.

A fase da escolha profissional, ainda durante a adolescência muitas vezes, já deve ser permeada por esta reflexão. A escolha por uma profissão é optativa, mas ao escolhê-la, o conjunto de deveres profissionais passa a ser obrigatório. Geralmente, quando você é jovem, escolhe sua carreira sem conhecer o conjunto de deveres que está prestes a assumir, tornando-se parte daquela categoria.

Toda a fase de formação profissional, o aprendizado das competências e habilidades, referentes à prática específica numa determinada área, devem incluir a reflexão, antes do início dos estágios. Ao completar a formação em nível superior, a pessoa faz um juramento, que significa sua adesão e comprometimento com a categoria profissional onde formalmente ingressa. Isso caracteriza o aspecto moral da chamada Ética Profissional, a adesão voluntária a um conjunto de regras estabelecidas como sendo as mais adequadas para o seu exercício.

É fundamental ter sempre em mente que há uma série de atitudes que não estão descritas nos códigos de todas as profissões, mas que são comuns a todas as atividades que uma pessoa pode exercer.

Atitudes de generosidade e cooperação no trabalho em equipe, mesmo quando exercidas solitariamente em uma sala, fazem parte de um conjunto maior de atividades que dependem do bom desempenho desta.

Uma postura proativa, por exemplo, é não ficar restrito às tarefas solicitadas, mas contribuir para o engrandecimento do trabalho, mesmo que temporário.

Se sua tarefa é varrer ruas, você pode se contentar em varrer e juntar o lixo, mas você pode também tirar o lixo que vê que está prestes a cair na rua, podendo futuramente entupir uma saída de escoamento e causando uma acumulação de água quando chover.

## **3.2 Ética profissional e relações sociais**

O varredor de rua que se preocupa em limpar o canal de escoamento de água da chuva; o auxiliar de almoxarifado que verifica se não há umidade no local destinado para colocar caixas de alimentos; o médico cirurgião que confere as suturas nos tecidos internos antes de completar a cirurgia; a atendente do asilo que se preocupa com a limpeza de uma senhora idosa após ir ao banheiro; o contador que impede uma fraude ou desfalque, ou que não maquia o balanço de uma empresa; o engenheiro que utiliza o material mais

indicado para a construção de uma ponte, todos estão agindo de forma eticamente correta em suas profissões, ao fazerem o que não é visto, ou aquilo que, alguém vendo, não saberá quem fez.

As leis de cada profissão são elaboradas com o objetivo de proteger os profissionais, as pessoas que dependem deles. Há, porém muitos aspectos não previstos especificamente e que fazem parte do compromisso do profissional com a ética, aquele que, independentemente de receber elogios, faz a coisa certa.

### **3.3 Ética profissional e atividade voluntária**

Outro conceito interessante de examinar é o de profissional, como aquele que é regularmente remunerado pelo trabalho que executa ou atividade que exerce, em oposição ao amador. Nessa conceituação, diria-se que aquele que exerce atividade voluntária não seria profissional, e esta é uma conceituação polêmica.

Na realidade, voluntário é aquele que se dispõe, por opção, a exercer a prática profissional não remunerada, seja com fins assistenciais, ou prestação de serviços em beneficência, por um período determinado ou não.

### **3.4 Ética profissional: pontos para sua reflexão**

É imprescindível estar sempre bem informado, acompanhando não apenas as mudanças nos conhecimentos técnicos da sua área profissional, mas também nos aspectos legais e normativos. Vá e busque o conhecimento. Muitos processos administrativos e jurídicos no âmbito da quebra da disciplina ética profissional nos conselhos profissionais, acontecem por desconhecimento da própria ética profissional e negligência com os valores éticos e morais. Quais sejam:

Competência técnica, aprimoramento constante, respeito às pessoas, confidencialidade, privacidade, tolerância, flexibilidade, fidelidade, envolvimento, afetividade, correção de conduta, boas maneiras, relações interpessoais verdadeiras, responsabilidade, confiança e outras formam composições para um comportamento eticamente adequado.

A função principal de um código de ética é começar pela definição dos princípios que o fundamentam e se articula em torno de dois eixos de normas: direitos e deveres. Ao definir direitos, o código de ética cumpre a função de

delimitar o perfil do seu grupo. Ao definir deveres, abre o grupo à universalidade. A definição de deveres deve ser tal, que por seu cumprimento, cada membro daquele grupo social realize o ideal de ser humano.

O processo de produção de um código de ética deve ser por si só um exercício de ética. Caso contrário, nunca passará de um simples código moral defensivo de uma corporação. A formulação de um código de ética precisa, pois, envolver intencionalmente todos os membros do grupo social que ele abrangerá e representará. Isso exige um sistema ou processo de elaboração de baixo para cima, do diverso ao unitário, construindo-se consensos progressivos, de tal modo que o resultado final seja reconhecido como representativo de todas as disposições morais e éticas do grupo.

A elaboração de um código de ética, portanto, realiza-se como um processo ao mesmo tempo educativo no interior do próprio grupo. Deve resultar num produto tal, que cumpra ele também uma função educativa e de cidadania diante dos demais grupos sociais e de todos os cidadãos.

### **3.4.1 Quais os limites de um código de ética?**

Um código de ética não tem força jurídica de lei universal, porém deveria ter força simbólica para tal. Embora um código de ética possa prever sanções para os descumprimentos de seus dispositivos, estas dependerão sempre da existência de uma legislação, que lhe é juridicamente superior, e por ela limitado. Por essa limitação, o código de ética é um instrumento frágil de regulação dos comportamentos de seus membros.

Essa regulação só será ética quando o código de ética for uma convicção que venha do íntimo das pessoas. Isso aumenta a responsabilidade do processo de elaboração do código de ética, para que ele tenha a força da legitimidade. Quanto mais democrático e participativo esse processo, maiores as chances de identificação dos membros do grupo com seu código de ética e, em consequência, maiores as chances de sua eficácia.

O princípio fundamental que constitui a ética é este: o outro é um sujeito de direitos e sua vida deve ser digna tanto quanto a minha deve ser. O fundamento dos direitos e da dignidade do outro é a sua própria vida e a sua liberdade (possibilidade) de viver plenamente.

As obrigações éticas da convivência humana devem pautar-se não apenas por aquilo que já temos, realizamos, somos, mas também por tudo aquilo

que poderemos vir a ter, a realizar, a ser. As nossas possibilidades de ser são parte de nossos direitos e de nossos deveres. É parte da ética da convivência.

A atitude ética é uma atitude de amor pela humanidade. A moral tradicional do liberalismo econômico e político acostumaram-nos a pensar que o campo da ética é o campo exclusivo das vontades e do livre arbítrio de cada indivíduo. Nessa tradição, também, a organização do sistema econômico-político-jurídico seria uma coisa “neutra”, “natural”, e não uma construção consciente e deliberada dos homens na sociedade.

### **3.4.2 Ética e sistema econômico**

O sistema econômico é o fator mais determinante de toda a ordem (e desordem) social. É o principal gerador dos problemas, assim como das soluções éticas. O fato de o sistema econômico parecer ter vida própria, independente da vontade dos homens, contribui para ofuscar a responsabilidade ética dos que estão em seu comando.

O sistema econômico mundial, do ponto de vista dos que o comandam, é uma vasta e complexa rede de hábitos consentidos e de compromissos reciprocamente assumidos, o que faz parecer que sua responsabilidade ética individual não existe.

A moral dominante do sistema econômico diz que pelo trabalho qualquer indivíduo pode ter acesso à riqueza. A crítica econômica diz que a reprodução da miséria econômica é estrutural. Sendo assim, dentro de uma visão ética, pode se dizer que exigem-se transformações radicais e globais na estrutura do sistema econômico.

### **3.4.3 Ética e meio ambiente**

A voracidade predatória do sistema econômico vigente o faz enxergar a natureza tão somente como fonte de matérias-primas para a produção de mercadorias. Com isso, a natureza torna-se ela própria uma mercadoria.

O trabalho é a ação humana que transforma a natureza para o homem. Mas, para que cumpra essa finalidade de sustentar e humanizar o homem deve realizar-se de modo autossustentável para a natureza e para o homem. A voracidade predatória de nosso sistema econômico está rompendo perigosamente o equilíbrio de autossustentabilidade entre a natureza e o homem.

Preservar e cuidar da natureza é o mesmo que preservar e cuidar da humanidade, das gerações atuais e futuras. Preservar e cuidar do meio ambiente é uma responsabilidade ética diante da natureza humana.

O pensamento pós-moderno rejeita o conceito defendido pela modernidade de que existem verdades absolutas e fixas. Toda verdade é relativa e depende do contexto social e cultural em que as pessoas vivem. Cada um percebe a verdade de sua própria forma. Não há “verdade”, mas sim “verdades” que não se contradizem, mas se complementam. Isso inclui verdades religiosas. Conceitos como “Deus” são totalmente relativos. A única “inverdade” que existe é insistir em dizer que existe verdade fixa e absoluta!

Nesta época de pós-modernidade, surgiu o conceito do politicamente correto – na mentalidade pluralista e inclusivista, a opinião e as convicções de todos têm de ser respeitadas. A razão para esse “respeito” é que a opinião de um é vista como tão verdadeira quanto a do outro. Assim, torna-se politicamente incorreto criticar as opiniões, a conduta e as preferências morais, políticas e religiosas de alguém.

O contemporâneo é incerto e ainda problemático, precisando de re-significações dos papéis e das funções, cujos atores humanos têm a plateia humana sem bússola e sempre os temas centrais dos atos são a ética.

Existem quatro eixos de conteúdos relativos a ética. São eles: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade.

Quando nos referimos ao espectro ético em uma determinada prática social/profissional, de maneira que possamos reconhecer a existência de expectativas e de avaliações, cabe-nos sempre uma profunda indagação: o que se tem feito e dito a respeito de nós, profissionais da área Metalúrgica? Qual a nossa imagem de ética vivenciada? Essa imagem de um educador se considerada como ética revela a essência de minha função profissional e obscurece uma prática contrária aos princípios que acredito existirem?

A transgressão da ética surge pela inconformidade e pela falta do conhecimento e não necessariamente pela má-fé, se não estiverem atreladas ao não moral. No entanto, não podemos esquecer que no campo da ética, não devemos estabelecer configurações apriorísticas.

As regras dificilmente serão as mesmas, porém, mesmo quando o conhecimento e as competências são diferentes, a funcionalidade processual formal



deve ser explicitada. Caso haja rompimentos de regras, é preciso rever o contrato e refletir a prática no campo da dialética, nascendo à semente ética do sucesso de qualquer profissão.

A ação do Técnico em Metalurgia, a exemplo, que observa sob uma visão multilocular o mesmo fenômeno, realizando múltiplas leituras para interpretar a realidade, refletida na compreensão global do real, deve de forma clara e competente transformar o universo interdisciplinar e multidisciplinar de sua formação acadêmica, através de um suporte dialético e interacional do conhecimento, a partir de suas próprias experiências sociais e humanas.

Reconstruir valores de forma contínua, convergentes e integradores ao conhecimento de outras disciplinas, permite desenvolver, no campo filosófico, espaços para a compreensão existencial sob vários ângulos da prática humana que dão real sentido à vida social e profissional.

Numa perspectiva mais ampla e comparativa, se o tecido social resulta dos diversos vetores individuais e coletivos, não é demais admitir que o vácuo ético – nas relações entre profissionais, organizações, fornecedores e consumidores – tem forte correlação com a fragilidade da ética pessoal, esta hoje bem caracterizada pelo excessivo interesse do indivíduo por si próprio, pelo individualismo exacerbado, pelo narcisismo desmedido e pelo frágil sentido de solidariedade.

Com efeito, se as organizações são dirigidas por pessoas que assimilam não virtudes, e se estas pessoas moldam as crenças das organizações, na medida em que o homem despreza valores humanos, as organizações tendem a fazer o mesmo e a resvalar na moral e, às vezes, a abandonar a ética.

### **Reflexão**

Escreveu Balzac, na França “É natural destruir o que não se pode possuir, negar o que não se pode compreender e insuflar o que se inveja”. Ora, são as atitudes imorais e antiéticas que produzem esse sentimento tão mesquinho tendo como decorrências (calúnias, difamações, traições, resistências passivas, chantagens, etc.).

O espírito humano é superador e busca, na essência, ações éticas para contrapor-se como remédio saneador dos males gerados, pois como já nos dizia a 2.500 a.C., Buda: “O bem se paga com o bem e o mal com a justiça”.

É preciso que todo profissional conheça seus direitos de imagem, no alcance dos direitos penais, uma vez que a presença de um patrimônio moral profissional, associado a um patrimônio social de classe, deve ter seus símbolos representativos preservados e respeitados. Mais que o indivíduo, existe a imaterialidade de seu conceito, sendo ético respeitar o nome profissional.

Quando decidimos falar sobre ética, estamos nos referindo à necessidade imperiosa de contextualizar no tempo e no espaço histórico todos os elementos filosóficos de maneira a podermos perceber, sob fragmentos, as condições dos problemas humanos.

Já existem autores que discordam da nomenclatura da ética, já que nenhuma profissão necessita de códigos de ética, mas de deveres e de direitos, ou seja, de um estatuto, com força de lei, com sanções para as profissões já devidamente reconhecidas. Qualquer forma de outorgar um código de ética, criando diferenças de classes, merece profundas reflexões.

### **3.5. Os códigos de ética profissional e suas regras deontológicas**

É preciso discutir e refletir sobre o que temos sobre código de ética, moral, deontologia, etiqueta, código disciplinar, código de direitos e deveres e sanções, no âmbito dos direitos universais. Na formação profissional existem dois princípios fundamentais: o da eficácia e o da eficiência.

O primeiro exige que a formação seja feita tendo em vista um objetivo mensurável. O segundo que este seja atingido ao menor custo. Podemos ter um, uma formação eficaz, mas pouco eficiente, e vice-versa.

Segundo Edgar Morin: “A ética se manifesta em nós de maneira imperativa, como exigência moral”. Esse imperativo origina-se de três fontes interligadas entre si: uma fonte interior ao indivíduo que se manifesta como um dever; outra externa, constituída pela cultura, e que tem a ver com a regulação das regras coletivas; e, por fim, uma fonte anterior, originária da organização viva e transmitida geneticamente.

Edgar Morin diz que no mundo da globalização onde as relações desiguais sedimentam a natureza humana a existência de uma “ética da solidariedade” que rejeite todas as misérias, as desigualdades, a intolerância, as bárbaries e fundamentalismo de toda ordem, daí, a necessidade de um princípio holístico que seja baseado numa totalidade simplificante.

Nossa preocupação encontra os filósofos modernos, defensores da filosofia analítica que afirmam que toda e qualquer manifestação moral é fundamentalmente forma de expressão emocional, sem nenhuma base racional. Sob essa reflexão, o mundo está cheio de pseudofilósofos que separam o “deve” do “ser”, distanciando qualquer fundamentação filosófica.

Sob esta ótica, como é possível que seres humanos consigam concordar até de cultura para cultura quanto à variedade de princípios morais e legais? E, mais importante, como é possível que sistemas legais e morais evoluam, ao longo dos séculos, na ausência do próprio fundamento racional ou teológico que os filósofos modernos tão eficientemente estão destruindo.

É preciso refletir sobre a deontologia da ética profissional como uma ciência que estabelece normas diretoras das atividades profissionais sob o signo de retidão moral ou honestidade estabelecendo o bem a fazer e o mal a evitar no exercício da profissão.

Partindo do pressuposto de que toda atividade profissional é sujeita à norma moral, a deontologia profissional elabora sistematicamente os ideais e as normas que devem orientar a atividade profissional, devendo ter o seguinte esquema básico de conduta profissional:

- a) Na **área da profissão**, a deontologia inter profissional terá como norma fundamental – zelar, com sua **competência** profissional e **honestidade**, pelo bom nome ou reputação da profissão exercida de Técnico em Metalurgia. Sublinhamos competência e honestidade, pois a reputação da profissão não deve ser procurada por si mesma ou a qualquer preço, mas deve ser a consequência natural dos valores e princípios éticos dos membros de uma organização, no exercício das ações à luz do Direito Constitucional, comprometidos com o bem comum social segundo as atividades laborais que a profissão de Técnico em Metalurgia proporciona.
- b) Na **área da ordem profissional**, ou seja, na relação com seus pares e colegas de profissão, a norma fundamental será – culto de lealdade e solidariedade profissionais evitando críticas levianas, competição e concorrência desleal, sem descambar, naturalmente para o acobertamento de qualquer ação dos colegas, sem nunca ferir a verdade, a justiça ou a moral, fugindo de toda “máfia, de pactos de silêncio e de sociedades secretas”, pois não são necessárias.

- c) Na **área da clientela profissional**, composta por usuários dos serviços profissionais (verdadeiro coração da deontologia profissional), deverá haver três normas fundamentais – execução íntegra do serviço conforme o combinado com o usuário. Sempre que o pedido seja moralmente lícito no plano objetivo, não vá contra o bem comum, contra terceiros ou contra o próprio solicitante.

Se, do ponto de vista técnico, o pedido é menos seguro, bom ou tem consequências não previstas pelo solicitante, deve o profissional esclarecer o cliente, mostrando-lhe as inconveniências existentes e os procedimentos para melhor execução. Após, pode deixar o cliente decidir e assumir toda a responsabilidade pelas consequências, exceto se houver prejuízos ao bem comum ou a terceiros.

A remuneração justa – nunca por motivo algum, deve ser excessiva. Nada impede que se prestem serviços a menor preço ou mesmo gratuitamente, em casos de necessidade financeira do usuário.

O segredo profissional – o que se vem a conhecer de íntimo e pessoal no exercício da profissão faz parte do que se denomina de segredo natural ou segredo confiado e só se pode usar para melhor prestação de serviço e não para outros fins, a não ser em casos de grave e urgente perigo para o cliente, para si, para terceiros ou para o bem comum.

Como profissionais da área da metalurgia ou quaisquer outras profissões, é preciso aprofundar uma reflexão sobre o mundo da moral, dos atos humanos e o aspecto do bem ou do mal, de forma a avançarmos no mundo da moral que é objeto de estudo da ética e a refletirmos sobre os fundamentos, princípios, ideologias subjacentes, valores deontológicos, termos e conceitos atuais utilizados pela moral no mundo pós-moderno.

### **3.5.1. Códigos de ética**

São símbolos ou signos de atitudes que preservam valores pessoais, coletivos e institucionais. Partindo-se do pressuposto maior de que profissão é o exercício habitual de uma tarefa a serviço de outras pessoas, segundo o caráter de especificidade nas distintas tarefas estabelecidas nos níveis de competências profissionais do Técnico em Metalurgia.

Como a prática busca relações e ambiências, é preciso conduta condizente com princípios éticos específicos. Faz-se necessário formar grupamentos de profissionais em atividades hegemônicas específicas. É preciso que haja

um código de linguagem ética, que reflita os mesmos valores para cada realidade processante, seja perante o conhecimento seja no convívio com colegas, classe, sociedade, pátria e como fim universal, perante a própria humanidade como conceito de mundo.

Não há formação de conceitos profissionais com plena evidência a terceiros, das capacidades e virtudes de um ser humano no exercício habitual de suas tarefas, no nível da qualidade superior, se ele não percorrer o caminho das práticas de conduta também qualificadas e mensuradas em valores éticos.

Considerar a ética nas dimensões relativas significa caracterizar uma permanente reflexão e revisão, de maneira que cada vez mais possamos caminhar para um processo de generalizações, na medida em que caem fronteiras e são suprimidos as tradições e os costumes culturais.

Sabemos que ser ético é ser natural, estando as profissões a serviço do social, das células que as compõem, e do conjunto social indiscriminadamente. Ora, esse ideal de cooperação orgânica e social precisa de uma atmosfera moral competente. No entanto, nem sempre é observável em nossa época, pois o Estado como organização promovida pela sociedade oferece-nos exemplos contrários e contraditórios pelo exercício ineficaz do que são normas legais ao bem comum.

Estamos no 3º milênio, e os problemas se atropelam em todas as dimensões, esfacelando a moral das instituições de maneira que a civilização industrial, política e social vive na “UTI”, cuidando das sequelas históricas das corrupções e da apropriação da liberdade humana.

As contradições das histórias clássicas da humanidade, com o avanço do conhecimento e da tecnologia abrem verdadeiras lacunas diante da massificação dos problemas éticos.

Sob esse ângulo, novos rótulos de ideias antigas vão surgindo com uma proposta de resgate da ética do Estado. O eixo parametral da ética social e as aspirações de conduta humana para a prática do bem são formas de se buscarem novas relações.

Confundir a contribuição do sistema profissional com eixo parametral que encontra a filosofia das virtudes e da prática do bem é normalmente compulsório de exigências. No entanto, o sistema profissional deve e precisa

estar de acordo com a lei e, sendo pertencente ao Estado que a manipula, muda sempre a “roupagem de ética para o baile das dominações” e muda tudo que deseja ser aceito como ético.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela ONU, em 1948, consagrou no plano mundial um conjunto de valores reputados de essenciais, não apenas para servirem de ideal à ação humana, mas também para definirem o enquadramento legal dentro dos quais os estados podem legislar, julgar e atuar.

Esses valores são assumidos como universais. Nesse sentido, apesar da diversidade de culturas e sociedades, as diferenças não podem ir contra esses valores. A Declaração serve não apenas para julgar os atos humanos (plano ético), mas também para avaliar e julgar a ação dos diferentes Estados em relação aos seus cidadãos, configurando também um modelo de uma sociedade global livre e democrática.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem tem a sua base voltada à dignidade humana, à liberdade, à igualdade e à fraternidade e desde o século XVI, a humanidade vem perseguindo esse fim maior.

O grande Filósofo E. Kant proclama a “pessoa humana como um valor absoluto” e, a partir desse momento, desenvolvem-se outros valores, normas e leis universais. A prova está consagrada na Declaração de Independência dos Estados Unidos, em 1776, e na Assembléia Constituinte Francesa, de 1793, quando surge a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

A triste constatação é que no século XXI a humanidade está cada vez mais sob a autodestruição desses valores universais, mesmo diante da Declaração dos Direitos Universais do Homem pela ONU.

## **3.6. A ética e suas relações universais com o mundo do trabalho**

### **3.6.1. Paradigmas da ética**

É importante que não ocorram conflitos na tese de que, na conduta humana na aplicação dos preceitos éticos, não devemos negar nossa parcela de cooperação ao social, nem confundir o Estado com a sociedade e as ideologias do Governo com sentimentos individuais e nacionais.

É o direito que legitima o poder e este deve legitimar inúmeras situações de direitos que não venham jamais contrariar os princípios da ética. Não é possível confundir a obrigação ética com a obrigação legal imposta pelo poder instaurado como macrocélula social (Estado).

O nascimento do paradigma da ética é tarefa da humanidade, ou seja, de todos os sujeitos sistêmicos que traduzem a ciência ética e as ciências sociais sendo a permanente busca de modelos de conduta e felicidade em convivência humana, consagrada no respeito e na vitória do amor sobre todos os vícios, de maneira que sejamos o reflexo da nossa grandeza de alma, na pluralidade infinita de mundos.

A expressão profissional deriva da expressão primária “profissão”, que vem do latim *professione*, do substantivo *professio* que teve várias acepções no próprio latim, mas que ficou como “ação de fazer profissão de”.

Hoje, o conceito de profissão é trabalho, que se pratica com habitualidade a serviço de terceiros. É a prática constante de um ofício. No latim “*officiu*” deriva de oficina, loja, fábrica, laboratório e escola, isto é, uma profissão, de forma que a profissão de Técnico em Metalurgia vai proporcionar ao indivíduo ser útil à sua comunidade pela prática da solidariedade fazendo parte do tecido orgânico social.

A ética tem seu significado ao longo da História, sendo confundido com as expressões “*mores*” que no latim significa também hábito, costume e para nós, significa moral.

Para a Filosofia, não há diferenças até certos limites, pois, segundo os filósofos, a moral é uma ciência descritiva enquanto a ética é uma ciência normativa.

Segundo Rodrigues Luno, a ética é a ciência da moral e como moral é a arte de se viver bem. Já os autores da corrente clássica entendem moral como o “O ser do homem, doutrina sobre o que o homem é e está chamado a ser [...]”.

A moral somente é universal e totalitária, diz respeito ao que se é como homem. Mais do que conhecimentos teóricos, é preciso praticar a moral. A educação é um dos caminhos a serem percorridos, para viver bem e ter bons costumes. Não bastam boas intenções e bons desejos.

### 3.6.2. Deveres profissionais

Quando direcionamos nossas capacidades e níveis de competências para permitir um desempenho eficaz da profissão escolhida, estamos exercitando deveres éticos. A satisfação de quem recebe esses benefícios é o referencial das nossas atitudes que governam as ações do indivíduo perante o outro, ele próprio, a sociedade e o Estado.

O compromisso diante de um agregado de deveres éticos compatíveis com a tarefa profissional, precisa superar o “complexo de valores” pertinentes a cada profissão, até tornar-se um valor mais amplo da ética profissional universal.

O primeiro dever está na escolha da profissão seguida do conhecimento sobre ela para finalmente ser capaz de exercê-la dentro de uma prática plena de conduta cujos lastros de valoração profissional sejam os valores adotados pela classe, sociedade e pelo próprio indivíduo.

É preciso que o sujeito e sua profissão façam um “casamento” pleno de prazer e influxos de amor.

A escolha das tarefas deve ser a proveniência do dever a ser cumprido, visando à qualidade da execução, dentro de uma conduta valorosa e refletida por práticas úteis e cheias de usufrutos e benefícios. Aí, sim, ocorrerá o pleno dever ético.

A identificação prazerosa com as tarefas de um trabalho precisa de convicções da escolha e dos sentimentos envolvidos com a escolha autônoma, pois quando um aluno perguntou a Mozart: “O que devo compor mestre?” Ele respondeu: - “É preciso esperar”. A impaciência do aluno o fez retrucar, dizendo que o mestre já compunha desde os 5 anos, ao que o gênio da música lhe respondeu: “Mas eu nunca perguntei a ninguém o que deveria compor”.

O dever deve fluir como um sentimento que faz bem e não como algo que precisa ser cumprido a todo preço, para rapidamente se livrar do peso provocado pela falta de condições essenciais de opção. A consciência é que monitora as transgressões éticas que violentam a vontade humana e ela mesma é responsável pela corrupção que fragmenta o ser ao longo da vida.

Quem aceita tarefas sem ter a capacidade de exercê-las, é condenável como prática antiética em função dos prejuízos que pode vir a causar a tercei-



ros, desde que anteriormente seu juízo os tenha identificado. Essa infração ética precisa ser superada pelo dever profissional de buscar conhecimentos e competências necessários para a execução de tarefas desafiadoras. Não reconhecer que uma decisão faz a grande diferença diante das possíveis consequências, já significa uma premissa antiética.

Como profissional deve-se permanentemente refletir sobre a condição humana para se reconhecer permanentemente aprendiz com os outros identificando situações em que o exigível não é executável. Ainda, o profissional em Metalurgia tem o dever de conhecer e aprimorar-se no exercício da sua prática profissional como também produzir avaliações sobre os níveis de competências emocionais, profissionais, intelectuais e cognitivas necessárias para que o exigível seja algo natural e sem traumas.

Encontrar-se com os sentimentos que nutrem o dever ético profissional é buscar a consciência necessária para dominar o conhecimento, ter posse relativa do saber, percepção integral do objeto de trabalho e traçar seus objetivos voltados à qualidade ou eficácia das tarefas.

Não se deve esquecer os limites do cumprimento dos deveres e das condições pelas quais o dever da ética fica comprometido pelas circunstâncias alheias à vontade humana, permitindo que forças externas se sobreponham. Os “achismos do quase bom” ou das intenções por negligência, que levam a aceitar o “menos mau” não podem ser justificativa para o trabalho ineficaz.

O alcance da plenitude ética é decorrente do êxito profissional e do caminho percorrido pela prática valorosa e virtuosa em interação humana, social e institucional, interagindo com suas competências intrapessoais voltadas para o êxtase das realizações e aos sentimentos do dever cumprido.

É dessa matriz que surgem o zelo e a busca constantes da excelência que faz o grande encontro com os sentimentos de lealdade com aquele que é beneficiado. Cada virtude identifica uma capacidade desejável ou uma habilidade necessária que ensina deveres a cumprir, sempre de acordo com a natureza de uma determinada tarefa, normalmente normalizada no interesse de grupos profissionais.

A qualidade do desempenho das tarefas vai identificar uma relação entre o caráter do profissional e o exercício de sua profissão.

Qualquer profissão, dentro das doutrinas morais ou da ética, requer uma visão holística de mundo onde o micros social interage com o macros social e em todas as relações imagináveis do indivíduo. Ainda, é através da profissão exercida que se consegue a liberdade do processo de dominação ou nos instalamos através dela, podendo chegar até o absolutismo ostensivo ou à ditadura.

Pela profissão exercida, abrem-se as dimensões dos “saberes das conveniências isoladas”, de grupos ou ambiências ligadas às causas e efeitos humanos próprios, capazes de construir sucessos ou fracassos nas múltiplas relações interpessoais e intrapessoais geradas no tempo e espaço e que, permanentemente exigem reflexões de conduta ética.

### **Reflexão**

As infinitas formas de variáveis no campo das ambiências tornam complexas as condutas humanas no contexto profissional. Quanto mais impessoal for o processo de decisão, mais facilmente vivenciaremos uma conduta antiética, caso não venham existir rigidez de normas que obriguem uma prática da virtude.

Ora, a perda de sua importância social, dentro de uma organização de trabalho, abre espaços para a perda gradual dos valores éticos na mesma proporcionalidade em que vai enfraquecendo a sua vontade.

Se soubermos que ela está vinculada aos compromissos humanos, logo, perdida a vontade, não há lugar para duas formas de éticas: a do indivíduo e a do todo.

O exemplo simples seria comparar expressões como: a ética dos viciados em drogas com a ética dos traficantes. O direito do assaltado com o direito do assaltante [...].

O ideal é não confundir regras com ética, pois, no mínimo, estaríamos negando a doutrina que busca a verdadeira conduta para o bem e a verdade e, demais valores humanos.

### **3.6.3. Competências éticas**

Princípios que, quando analisados sob o ângulo da funcionalidade, significa o exercício do conhecimento adquirido e aplicado de forma adequada e pertinente à execução de uma tarefa, baseada sempre no domínio das habilidades no exercício da profissão de Técnico em Metalurgia.

Quando vista sob o aspecto potencial, no campo das virtudes básicas, é o conhecimento acumulado por uma pessoa, de forma a ser suficiente para desempenhar de maneira eficaz uma tarefa. Como esse aspecto possui uma natureza estática, torna-se ético quando há a garantia do indivíduo quanto à sua capacidade profissional, pois acumula a consciência da aceitação.

Qualquer profissional precisa de humildade, para evidenciar que a crítica não faz negação às verdades alheias, que inteligência e bom senso sempre serão fatores distributivos na humanidade. A ética permite confirmar o reconhecimento de que, a cada instante surge um conhecimento novo.

Nada pode ser mais lesivo à ética do que afirmarmos não ser verdadeiro que a ausência de competências interpessoais e intrapessoais no exercício profissional e o mau uso desta para o mal, não transgridam compromissos éticos profissionais, além de ferir a premissa maior do bem, que significa não fazer nada que prejudique a terceiros.

Uma tarefa profissional concluída, continua refletida pelos signos dos valores atribuídos a ela, seja pela história do profissional quanto pelas suas responsabilidades jurídicas a ela imposta, seja no âmbito da orientação dos valores éticos agregados, quanto na garantia da ausência da omissão profissional.

Não esqueçamos: “Tudo que fizermos de ruim ou qualquer ato que seja contrário ao bem para o outro, estaria sempre nos subtraindo diante dos valores humanos e universais.” (LOPES, 1998:192).

A ética profissional produz barreira às próprias lesões, pois o valor humano não é resultado de subtrações a terceiros. É decorrência única da própria conduta e de seus próprios pensamentos.

A lei do “olho por olho, dente por dente” somente é válida em transplantes de órgãos. A filosofia da “remuneração” do bem, pela aplicação da justiça contra o mal é o único caminho pelo qual será possível obter forças para vencer a impunidade contra o vício que estimula toda a ação humana viciosa.

Ser austero e simples conclama respeito e entendimento. A altivez não se mistura com pedantismo. No entanto, é necessária para o traçado das linhas da dignidade e respeitabilidade profissionais. Essa postura ética afasta a vulgaridade e as distorções de entendimentos, evitando a imputação de infrações éticas do reflexo coletivo.

A cada momento, a disciplina ética profissional permitirá resgatar inúmeras reflexões da história até a contemporânea de nossas vidas, estando ela permanentemente sendo transformada no seu conteúdo, permitindo que avancemos sempre no tempo e espaço, pois a vida consiste precisamente na liberdade que sempre se insere na necessidade de buscar, utilizando-se do conhecimento para encontrar benefícios. Nessa metodologia, essa subunidade não acabará jamais.

No princípio contábil, valor é expressão de grandeza patrimonial. No entanto, valor é uma expressão filosófica de um aspecto de aferição sobre o que se elege, escolhe ou atribui uma preferência. Caso se transforme em dever, vira uma acepção ética.

O valor deve ser desejável como norma e critério de juízo e da vontade inteligente na acepção moderna da vontade ética.

É preciso deixar de buscar a ética apenas como uma indagação, mas buscar o conhecimento da conduta humana como prioridade e objeto de estudo, pois “conduta é a ação mental variável observável e sujeita às avaliações”.

A ciência hoje já aceita a ideia filosófica da associação do metafísico com o físico, de maneira que o extra lógico já se encontra com o pensamento lógico. Como a ciência ética tem saberes cósmicos, logo, existe porque é necessária e não porque é obrigatória.

A ética científica não depende de opinião isolada de pensador. Depende do rigor e da racionalidade de sua forma acadêmica, desde que possa pressupor que as ocorrências dos fenômenos éticos possam estar na universalidade da existência humana.

A ciência em todas as hipóteses, hoje nega o determinismo de que o ser humano já nasce bom ou mau e que são as percepções e a vontade humanas que orientam e motivam o processo educacional e de convivência. Ora, influências no plano dos excessos e fanatismos, quando adquirem características normativas produzem instabilidades e lesões na estrutura moral em formação do “EU”.

Sabemos que a conduta humana é observável e registro da vontade que vem da consciência, então ela também está ligada às doutrinas mentais e espirituais, reguladoras das virtudes. Daí ser fundamental o estímulo à ética através da educação em todas as fases da vida.

A formação ética precisa de ambiência sadia, virtuosa, inspiradora de consciência livre na prática do bem, pois uma educação pode formar paradigmas e opiniões boas e ruins.

A filosofia contemporânea considera que a consciência ética é a relação íntima do homem consigo mesmo onde o “ego” (eu) se conecta com as energias espirituais que sustentam a vida do homem. Somos o nosso tribunal comandado segundo os psicanalistas pelo nosso “superego” dentro da estrutura pela qual é formada a nossa “psique”, dividida em: inconsciência, pré-consciente, censura e consciência.

A consciência ética agrega o “ego” e o “superego”, sendo um estado decorrente de mente e espírito, aceitação e julgamentos próprios. Ela é o que dizem ser o “disponível” que garante o cumprimento de nossas obrigações. Logo, é preciso ter um fundo de reserva de consciência ética formada de maneira a qualquer momento ser possível ativá-la, se necessário.

A prática do amor começa pelo “espírito (eu), (a consciência) e complementa-se pelo amor ao semelhante, ao grupo, à sociedade, às classes”. Nessa ordem não existem espaços para subjetividade. A transcendência desses valores está dentro de nós e de nosso cérebro, no plano espiritual e, embora não possa ser provado ainda, não pode ser negado pela ciência.

Estudar a consciência ética é tema vasto dentro de um grande vazio ou de um universo não explorado, em função das infinitas variáveis entre o ideal, o real, o eu, o ético e a consciência, fato de a mente se renovar infinitas vezes, incluindo e excluindo valores, decorrentes da aceitação e da negação diante das inúmeras circunstâncias ambientais.

A ética ou a conduta humana em seu sentido pleno e mais profundo é não causar malefícios a si mesmo e aos seus semelhantes. Se a virtude for praticada através de atos morais e essenciais, ela vai refletir a própria qualidade de vida do homem. Logo, não poderia ser jamais algo abstrato.

O caráter pressupõe ser a semente do bem, da liberdade, do amor e das suas formas negativas. No campo da ética, é um agregado de qualidades morais e intelectuais que cada indivíduo possui, formando uma energia positiva que solidificam atitudes e ações, caracterizando-se perante o que é perfeito. Por isso um homem “bom caráter” somente nasce em um ser virtuoso.

### 3.6.4. Você se acha um bom caráter?

Somente a educação pode aperfeiçoar a individualidade humana, o seu caráter e, se estiver nos eixos das virtudes e pelo exercício da vontade humana, ele será ético em todos os campos da conduta qualificando-se cada vez mais entre os homens.

Quando você sente o “dever ético” ou “dever moral” há imposição dos sentimentos que já existem em cumprir o que é certo e útil. É a sensibilidade que encontra a vontade e os valores universais que está estruturado no espírito, sendo o imperativo natural nos seres bem formados.

Se praticarmos as virtudes e cumprirmos os deveres éticos, serão apenas propósitos da vida e não podem restringir-se a apenas obrigações compulsórias, por atos sociais e nem por ambiências. Deve sim, serem realizadas ações éticas profissionais que impulsionadas pela vontade do dever cumprido, possam se consagrar como algo absolutamente natural, intuitivo fluindo naturalmente sem imposições ou por exigências normativas.

A racionalidade da ética deve nos oferecer condições de negação e nunca de doação, pois o bem pode ter faces de relatividade, de maneira que a consciência ética necessite de autonomia e de caráter, capazes de emergir do racional e do sensível.

Se o indivíduo já tem o caráter formado sob a gênese da ética, apenas a sua vontade conduz sua ação, sendo ela pura e reflexa. Caso as normas e os usos sejam estabelecidos, o seu cérebro reage de forma natural, segundo a qualidade da educação ética recebida.

Existe uma diferença entre o instinto ético e a conduta ética, que é a disposição natural, biológica de autoconservação, pela prática de uma ação, e essa conduta vai depender da ambiência social em que estiver.

Como estão seus pensamentos quanto a sua profissão e quanto a sua forma de vida social? O pensamento é livre e axiomático (não preciso provar), logo, quando se fala em pensamento ético, condiciona-se a uma liberdade geral, traduzido em sacrifícios de opiniões pessoais, sendo relativa em benefício próprio.

No entanto, ao se questionar uma ética normativa já ultrapassada, não está se contestando a ética em si, mas o que ela representa de normativo, pois “A liberdade não é um privilégio que se funda apenas entre o ser e a realidade, mas também entre o critério eleito e a vontade ética”.

A inteligência emocional sendo um exercício de razão em face da formação da consciência ética, precisa apenas coordenar o sentimental para trazer os benefícios para a conduta humana diante das emoções. Ela tem uma concepção voltada para intermediar o instinto com, a razão, sendo subjetivo, vindo das emoções. Logo, o importante é harmonizar a razão e os sentimentos para uma conduta ética eficaz. Por isso é necessário o domínio emocional que estrutura a consciência ética.

Você reclama das motivações que são necessárias para servir de um complemento relevante na disciplina emocional e como o emocional age sobre o ético, sendo inquestionável, ou seja, axiomático que a motivação influencia diretamente sobre a ética humana.

Daí, a afirmativa de que o homem somente alcança seu sentido humano mais amplo quando adquire uma postura ética superior, harmonizada e em equilíbrio entre razão, emoção e os demais atributos do espírito humano.

O sentimento social é um imperativo para que o homem possa construir sua parte na sociedade dentro dos princípios éticos de maneira que nessa construção, esse sentimento interaja plenamente com valores benéficos e esforços humanos, variáveis de acordo com seu alcance em face da comunidade em que vive.

A ética humana carrega atributos de qualidade onde o ser integral tem, como fim maior, ser instrumento do bem comum, sempre refletida na atitude virtuosa.

A necessidade de existir instrumentos reguladores em diversos campos da conduta humana, tem seu imperativo de existência justificado em códigos de ética profissional, porque somente nesse sentido, é possível existir uma forma de contrato formal e racional, sem que a identidade humana seja agredida.

Códigos de ética devem ter suas bases filosóficas sólidas cujos atributos ao bem comum não possam ter vínculos com os desvios do preconceito e do puritanismo inconsequente.

O sucesso do princípio universal da conduta humana nos infinitos exercícios éticos que fortalecem o espírito, somente chegará quando tivermos crença em nós mesmos, na reciprocidade dos bons sentimentos e, finalmente, se amamos o que somos e o que fazemos, seja no plano do racional ou nos



Leia: **O homem perante a vida.**  
De Aléxis Carrel, da editora  
Educação Nacional, 1949.

eixos que norteiam as forças da metamoral, ou seja, uma doutrina que se situa além da moral, transcendental formada pelo nosso pensamento reflexivo para o bem ou o mal.

Mas o que temos visto são transgressões dos princípios éticos e suas insubordinações, o que significa que estão na relação direta e ainda da ignorância humana, vivendo práticas de “quebra de ética” pelas quais serão menores na medida em que o indivíduo faz investimentos na sua formação educacional e no fortalecimento da fé institucional, visando sempre à retidão dos homens que compõem os tribunais de ética.

Dizem que numa cidade apareceu um circo e que entre os seus artistas havia um palhaço com o poder de divertir as pessoas da plateia. O riso era tão bom, tão profundo e natural que se tornou terapêutico. Todos os que padeciam de tristezas agudas ou crônicas eram indicados pelo médico do lugar para que assistissem ao tal artista que possuía o dom de eliminar as angústias.

Um dia, porém, um morador desconhecido, tomado de profunda depressão, procurou o doutor. O médico então, sem relutar, indicou o circo como o lugar de cura de todos os males daquela natureza, de abrandamento de todas as dores da alma, de iluminação de todos os cantos do ser. O homem nada disse, levantou-se, caminhou em direção à porta e, quando já estava saindo, virou-se, olhou o médico nos olhos e sentenciou: “Não posso procurar o circo. Aí está o meu problema: eu sou o palhaço”.

Como professor, vejo que, às vezes, sou esse palhaço, alguém que trabalhou para construir os outros e não vê resultados, muito claro daquilo que faz. Tenho a impressão de que ensino no vazio (e sei que não estou só nesse sentimento) porque, depois de formados, encontro alguns poucos meus ex-alunos dando a impressão que se acostumaram rapidamente com aquele mundo de iniquidades que combatíamos juntos.

Parece que quando alguns desses ex-alunos(as) entram no mercado de trabalho, a única coisa que importa é quanto cada um vai lucrar, não importando quem vai pagar a conta e nem se alguém vai ser lesado no processo. Aprenderam rindo, mas não querem passar o riso à frente e nem se comovem com o choro alheio. Digo isso, até em tom de desabafo, porque vejo que cada dia mais, pessoas se gabam de desonestidades.



Os que passam os outros para trás são heróis; os que protestam são otários, idiotas ou excluídos: é uma total inversão dos valores! Vejo que alguns professores partilham dessas mesmas ideias e as defendem em sala de aula, mas na sala de professores se vangloriam disso. Essa ideia vem me assustando cada vez mais, desde que repreendi, numa conversa com os alunos, o comportamento do cantor Zeca Pagodinho no episódio da guerra das cervejas, e quase todos disseram que o cantor estava certo.

Tontos foram os que confiaram nele. “O importante, professor, é que o cara embolsou milhões”, disse-me um; outro: “Daqui a pouco ninguém lembra mais, no Brasil é assim, e ele vai continuar sendo o Zeca, só que um pouco mais rico”.

Todos se entreolharam e riram. Somente eu, bobo que sou, fiquei sem graça. O pior é quando a gente se dá conta de que, no Brasil, é assim mesmo, o que vale é a lei de Gérson: “O importante é levar vantagem em tudo” (Lei de Gérson... dá para rir). A pergunta é: “É possível, pela lógica, que todo mundo ganhe? Para alguém ganhar é óbvio que alguém tem de perder”.

A lógica é guardar o troco recebido a mais no caixa do supermercado; é enrolar a aula fingindo que a matéria está sendo dada; é fingir que a apostila está aberta na matéria dada, mas usá-la como apoio enquanto se joga forca, batalha naval ou jogo da velha; é cortar a fila do cinema ou da entrada do show; é dizer que leu o livro, quando ficou só no resumo ou na conversa com quem leu.

Minha saudosa ética é quando percebemos que é mais fácil marcar só o gabarito na prova em branco, copiando do vizinho e alegando que fez as contas de cabeça; é comprar na feira uma dúzia de quinze laranjas; é bater num carro parado e sair rapidamente antes que alguém perceba; é brigar para baixar o preço mínimo das refeições nos restaurantes universitários para sobrar mais dinheiro para a cerveja da tarde; é arrancar as páginas ou escrever nos livros das bibliotecas públicas; é arrancar placas de trânsito e colocá-las de enfeite no quarto.

Quando encontro alunos formados dizendo que foi mais fácil trocar o voto por empregos, pares de sapato ou cestas básicas; é fraudar propaganda política mostrando realizações que nunca foram feitas. É a lógica da perpetuação da burrice. Quando um país perde, todo mundo perde.

E não adianta pensar que logo bateremos no fundo do poço, porque o poço não tem fundo. Parafraseando Schopenhauer: “Não há nada tão desgraçado na vida da gente que ainda não possa ficar pior”. Se todos os desonestos brasileiros voassem, nós nunca veríamos o sol. Felizmente há os descontentes, os lutadores, os sonhadores, os que querem manter o sol aceso, brilhando e no alto.

A luz é e sempre foi metáfora da inteligência. No entanto, de nada adianta o conhecimento sem o caráter. Que nas escolas seja tão importante ensinar Literatura, Matemática ou História quanto decência, senso de coletividade, coleguismo e respeito por si e pelos outros. Acho que o mundo (e, sobretudo, o Brasil) precisa mais de gente honesta do que de literatos, historiadores ou matemáticos.

Ou o Brasil encontra e defende esses valores e abomina Zecas, Gérsons, Dirceus, Dudas, Lulas e, todos os marketeiros que chamam “desonestidades flagrantes” de “espertezas técnicas”, ou o Brasil passa de país do futuro para país do só furo. De um Presidente da República, espera-se mais do que choro e condecoração a garis honestos, espera-se honestidade em forma de trabalho e transparência.

De professores, espera-se mais que discurso de bons modos, espera-se que mereçam o salário que ganham (pouco ou muito), agindo como quem é honesto e do Técnico em Metalurgia, espera-se a ética da responsabilidade. A honestidade não precisa de propaganda, nem de homenagens, precisa de exemplos. Quem plantar joio, jamais colherá trigo. Quando reflexões assim são feitas, cada um de nós se sente o palhaço perdido no palco das ilusões.

Nesse sentido, você, que agora lê, reflete e sente, perceba que ninguém está sozinho no mundo, e não pode viver em sociedade, carregando um grande vazio, um senhor “buraco negro”.

Não esqueça: a disciplina de Ética Profissional significa apenas uma semente que depende de terra fértil humana e de cuidados para crescer junto com todos nós, humanidade. Porque tudo que aqui foi refletido não pertence a esse Professor e nem vai pertencer a vocês de forma individual. É a ética da humanidade.

Recordo-me de uma passagem muito feliz: “Um dia, um sábio perguntou a um professor o que ele estava fazendo. Ele lhe respondeu: Estou traba-

lhando. A outro professor, fazendo a mesma pergunta, recebeu como resposta: Estou ganhando dinheiro. Finalmente, ele encontrou a um Professor que lhe disse: Estou aprendendo um pouco mais do que ensino e ensinando alguém a construir comigo uma sociedade melhor”.

A característica principal da inteligência intrapessoal desse tipo de inteligência é a facilidade de quem a possui em compreender e identificar as suas próprias emoções e em lidar com elas de forma adequada às várias situações e aos seus objetivos pessoais.

A inteligência intrapessoal desempenha um papel importante no processo de escolhas para atingir objetivos quando temos consciência de nossas fragilidades pessoais, o que implica a necessidade de reflexão e de auto avaliação.

A inteligência intrapessoal é essencial para o exercício de diversas profissões. Os investigadores, os psicólogos, os filósofos, os autores e os atletas de alta competição são alguns dos profissionais que precisam refletir sobre essa habilidade nas relações humanas.

Os profissionais da metalurgia devem buscar essa habilidade pessoal cuja conexão com a própria consciência, permite dominarem seus sentimentos desenvolvendo a capacidade de reconhecer seus limites explorando suas experiências positivas ou negativas e tornando suas relações interpessoais cada vez mais fortes e harmônicas.

Segundo as obras que falam sobre o médico Austríaco no século XIX, Sigmund Freud, a maioria afirma ele sugerir que o homem não tinha controle nem mesmo de seus pensamentos e que frequentemente agimos em desacordo com nossa racionalidade. Sob essa reflexão fica a sugestão de pensarmos sobre as possibilidades de nosso inconsciente necessitar ser dominado seguindo a afirmativa de Sturt (1953, p. 49), quando afirma ser “a consciência é a janela do nosso espírito, o mal é a cortina”.

A inteligência intrapessoal é o correlativo interno da inteligência interpessoal e que devemos utilizá-la para resolver nossos problemas pessoais. É o reconhecimento de habilidades, necessidades, desejos e inteligências próprias. A capacidade para formular uma imagem precisa de si própria, e a habilidade para usar essa imagem para funcionar de forma efetiva. Como esta inteligência é a mais pessoal de todas, ela só é observável através dos sistemas simbólicos das outras inteligências, ou seja, através de manifestações linguísticas, musicais e políticas.

No entanto, para reconhecer a existência da inteligência intrapessoal, inúmeros autores da Psicogênese do Comportamento Humano são unânimes em propor uma teoria que postula a existência de múltiplas inteligências, em oposição aos defensores da inteligência única. Daí, a necessidade de uma definição geral para inteligência, definições particulares para cada tipo de inteligência e, finalmente, critérios para validar a existência e argumentos em defesa de cada uma das inteligências propostas.

Autores como Howard Gardner, na sua teoria das Múltiplas Inteligências quanto Daniel Goleman, em seu livro, mapeiam a inteligência emocional em cinco áreas de habilidades:



1. **Autoconhecimento emocional** – reconhecer um sentimento enquanto ele ocorre.
2. **Controle emocional** – habilidade de lidar com seus próprios sentimentos, adequando-os para a situação.
3. **Automotivação** – dirigir emoções a serviço de um objetivo é essencial para manter-se caminhando sempre em busca.
4. **Reconhecimento de emoções em outras pessoas.**
5. **Habilidade em relacionamentos interpessoais.**

As três primeiras se referem à inteligência intrapessoal. As duas últimas, à inteligência interpessoal, que é a habilidade de entender outras pessoas: o que as motiva, como trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas. A inteligência intrapessoal: é a mesma habilidade, só que voltada para si mesmo. É a capacidade de formar um modelo verdadeiro e preciso de si mesmo e usá-lo de forma efetiva e construtiva. O ser humano consegue ter a capacidade de relacionamento consigo mesmo e autoconhecimento, além da habilidade de administrar seus sentimentos e suas emoções a favor de seu potencial de relacionamentos interpessoais, concluímos que ele alcançou a inteligência da autoestima.

## Resumo

Esta aula permitiu o entendimento dos significados e das respectivas importâncias dentro do universo do direito, do dever e da justiça, do que realmente significa ser um profissional com ética e, desta forma, fez associações com princípios e valores universais, contextualizando a necessidade de estabelecimento das regras sociais e profissionais nas empresas e nas instituições de trabalho e de serviços.

Nesta aula, verificaram-se a importância do reconhecimento da formação profissional diante da disciplina Ética Profissional, seus códigos ontológicos e sua permanente necessidade de reflexão do profissional diante do único instrumento de regulação do homem em suas múltiplas relações interpessoais, na ambiência do trabalho.

## Atividades de aprendizagem

1. Após este estágio de profundas reflexões, o aluno deverá em grupo de no máximo três participantes, pesquisar sobre os códigos de ética do profissional da área metalúrgica e identificar suas regras deontológicas, tecendo uma rede de comentários sobre cada uma delas comparando-as com a realidade vivenciada no século XXI.

Como conclusão de análise, a equipe deverá escolher um tema da Declaração dos Direitos Humanos e comparar com um tema escolhido no código de ética pesquisado e desenvolver uma redação crítica de no máximo 01(uma) lauda.



## Referências

- AGUILAR, F. **A ética nas empresas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ALBRECHT, Karl. **Inteligência social**. São Paulo-SP: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2006.
- ALVES, R. **Estória de quem gosta de ensinar**. 13. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.
- ANGEL, Rodrigo Luno. **Ética general**. 4. ed. Eunsa Ediciones Universidad de Navarra: Editora Casa dos Livros S.A, 2001.
- AQUINO, J. G. **Do cotidiano escolar, ensaios sobre ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1994.
- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco**. v. II. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- ARRUDA, M. C. C.; WHITAKER, M. C.; RAMOS, J. M. R. **Fundamentos da ética empresarial e econômica**. São Paulo: Atlas, 2001.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- D'HONDT, J. Hegel. **Filósofo de la história viviente**. Buenos Aires: Amorrortu, 1966.
- GOLEMAN, Daniel. **Trabalhando com a inteligência emocional**. Nova York: Bantam Book, Ed. bras. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- FOSTER, G. M. **As culturas tradicionais e o impacto da tecnologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968.
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- GLOCK, R. S.; GOLDIM, J. R. **Ética profissional é compromisso social**. v. XLI. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2003.
- GONÇALVES, Maria H. B. & WYSE, Nely. **Ética & trabalho**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Senac Nacional: 1997.

HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica**: mundo, finitude, solidão. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobre o humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. v. I. Petrópolis: Vozes, 1999.

HERKENHOFF, João Baptista. **Direitos Humanos**: uma idéia, muitas vozes. 3. ed. Aparecida (SP): Editora Santuário, 2001.

IBERMAN, F. **Formação docente e profissional**: forma-se para a mudança e incerteza. São Paulo: Cortez, 2000.

KANT e PIAGET. In: MACEDO, L. de (Org). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

KANT, I. **A crítica da razão pura**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KUNG, H. **Projeto de ética mundial**. São Paulo: Paulinas, 1993.

MONDIN, J. B. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1983.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SÁ, A. L. de. **Ética profissional**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

SILVA, N. P. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

STOURT, Martha. **Meu vizinho é um sociopata**. Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: GMT Editoras Ltda, Sextante, 1953.

ZAJDSZNAJDER, L. **Ser ético no Brasil**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

WALL, Bob. **Relacionamentos no trabalho**: como usar a inteligência emocional para melhorar sua eficiência com outras pessoas. São Paulo-SP: Editora Landscape, 2008.

## Currículo do professor-autor



**Antônio Roberto Oliveira**, Químico Industrial Metalúrgico com Formação Acadêmica de Nível Superior pela UFPa, em 1977, Pós-Graduado em Educação com Especialização *lato sensu* em Metodologia do Ensino Superior, em 1998, na Universidade Católica de Minas Gerais – PUC – MG. Graduado em Licenciatura Plena, pela UFPa, em 1983. Desde 1978, ministra disciplinas no Curso Técnico de Metalurgia e Mecânica como Corrosão Metálica, Organização e Normas do Trabalho, Ética Profissional no curso presencial de Metalurgia, Tratamento Térmico de Metais, Siderurgia e Química Aplicada. No Nível Superior ministra a disciplina Ética Profissional para as Licenciaturas, Psicologia do Trabalho e das Relações Interpessoais para o Curso de Tecnologia de Telecomunicações e Engenharia de Materiais, Ética na Gestão Pública para o Curso de Gestão Pública.